



ANTÔNIO LOPES

COM O MAR ENTRE OS DEDOS

Apresentação:
Aleilton Fonseca

edits
Editora da UESC

COM O MAR ENTRE OS DEDOS



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA

EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Andréa de Azevedo Morégula

André Luiz Rosa Ribeiro

Adriana dos Santos Reis Lemos

Dorival de Freitas

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Júnior

José Montival Alencar Júnior

Lurdes Bertol Rocha

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Nelson Dinamarco Ludovico

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Sílvia Maria Santos Carvalho

ANTÔNIO LOPES

COM O MAR ENTRE OS DEDOS

Ilhéus-Bahia



Editora da UESC

2015

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Em memória de

Hélio Pólvora

(1928-2015)

Manuel Lins

(1937-1975)

Mário Augusto Ferreira

(1937-2005)

Marcos Santarrita

(1941-2011)

e Telmo Padilha

(1930-1997)

ESCLARECIMENTO

Os textos a seguir (a maior parte, se não todos) foram “ensaiados” no blog Pimenta na Muqueca, a partir de 2010, em experiência muito estimulante que vivi. “Provocado” pelo escritor Aleilton Fonseca, deixei a voluntária clausura, convenci-me (talvez num surto de imodéstia) de que estes escritos poderiam ter algum interesse. Revisei-os e, agora abrigados em livro, os (re) apresento ao respeitável público.

Agradeço aos diretores do Pimenta (jornalistas Davidson Samuel e Ricardo Ribeiro), ao citado Aleilton Fonseca (intelectual que eleva a região cacaujeira), à Editus/UDESC, mais uma vez generosa com este provinciano fazedor de crônicas, e, claro, aos leitores. Reais ou potenciais, eles são o maior motivo deste exercício (quase) literário.

Muito obrigado a todos.

(A. L.)

ÍNDICE

NAS ÁGUAS DA BOA PROSA – Aleilton Fonseca.....	11
UM RIO SEM CARAVELAS.....	15
BILHETE A UM JOVEM JORNALISTA	18
COM AS VEIAS ABERTAS.....	21
CUIDADO! AS PALAVRAS SÃO ERÓTICAS.....	23
CONVERSA DE HOMEM E ÁRVORE.....	25
SIMONE DE BEAUVOIR E A FORÇA DA COISA.....	28
SE EU ME CHAMASSE AMPHILÓPHIO.....	31
CREIAM, JÁ DERRUBEI BASTILHAS	34
DA QUE MATOU O GUARDA	37
A FALTA QUE FAZ UM DICIONÁRIO “POÉTICO”	40
EMÍLIO COM A VOZ ADOCICADA	42
DE APOSENTADOS E GIRAFAS	45
COISA QUE DÁ SUOR, VERTIGEM E FRAQUEZA	48
A CHINA INENARRÁVEL.....	51
CONTEMPLADORES DO UMBIGO	54
A LUXÚRIA EQUIVOCADA.....	57
ENTRE O DESDÉM E A SOLIDARIEDADE	60
O CAOS NOS NOMES PRÓPRIOS.....	64
NÃO TENHO MEDO DE MIM	66
SONETO GRAVADO A FOGO	69
A JUSTA CRÍTICA DOS AMIGOS	72
PISANDO NA BOLA	74
QUEDA PARA PIEGUICES RIMADAS	77

O TRABALHO COMO CASTIGO	80
OS ANJOS TAMBÉM AMAM	83
O TINHOSO CHUPANDO CANA	86
O INCINERADOR DE NAVIOS	89
MULHER FATAL CANTANDO À BEIRA DO MAR	92
UM JORRO DE LÁGRIMAS.....	95
FAZER OS DEVERES É DEVER DE TODOS.....	98
MUITO CUIDADO COM O POVO	101
NA SOLIDÃO DOS AUTÓGRAFOS	103
O CHEIRO E O TOC-TOC.....	105
BOM O HOMEM, MÁ A VIDA	108
DESABAFO E DESATINO EM QUASE REPENTE	111
EM BUSCA DE OUVIDOS PERDIDOS	114
A PAIXÃO PELA MÁQUINA.....	116
D. QUIXOTE EM PIGALLE.....	119
ENTRE O KAFKIANO E O ESTÚPIDO	123
ESCRITA COM BEMÓIS E SUSTENIDOS	125
O PAGADOR DE MICOS	128
CONTRA O ESTUFA E OUTROS EFEITOS	131
DE VINÍCIUS A VALDELICE	133
HUMPHREY BOGART CANASTRÃO	136
EXCESSO DE QUEIJOS E VINHOS.....	139
EU TAMBÉM NÃO SEI QUEM SOU	141
PENA MOLHADA EM VENENO	144
PARA ESCREVER, USE AS ORELHAS.....	147
UMA ARANHA METIDA A BESTA.....	150
SE FICOU VELHO, DEIXOU DE SER NOVO.....	153
RELER O PRÓRIO TEXTO É SOFRER DE NOVO	155
MEUS RESPEITOS AO ADJETIVO AGONIZANTE	157
É A LÓGICA PORTUGUESA, COM CERTEZA	160
JERERÊ, SARARÁ, CURURU	163
DESUNIDOS PELA LÍNGUA	165
FLOR, POEMA, SONHO E PROMESSA.....	168
COM O MAR ENTRE OS DEDOS.....	171
DO AUTOR.....	175

NAS ÁGUAS DA BOA PROSA

Caro leitor: Quem não gosta de uma boa prosa? Seja bem-vindo a este pequeno banquete de saborosas crônicas que podemos degustar com prazer, sem riscos de indigestão. Se alguns bocados, com sal e pimenta, o engasgarem, acredite que será para o nosso próprio bem, porque, como já nos preveniram os poetas e os populares, “a vida tem dessas coisas”, e o cronista às vezes usa sal grosso nas misturas. Provei o sabor de cada peça, – e lhe adianto que não há sequer uma insípida, pois que todas se apresentam muito bem temperadas com talento, perspicácia, senso crítico, bom humor e ironia em pitadas precisas.

Aqui nos encontramos com a arte de um cronista criativo, num agradável e instigante passeio por situações, experiências, histórias, anedotas, revelações, leituras e, sobretudo, certos saberes da vida e da arte de escrever, em doses homeopáticas e eficientes. Desde a crônica inicial, seguimos os itinerários e as vivências do escritor, que fluem pelos becos e atalhos da memória, transubstanciando-se a matéria vivida em relatos lapidados com engenho jornalístico e arte literária.

Eis o mister do cronista: fixar, no tempo do texto que permanece, aquela centelha das vivências que, transitória e contingente, se esvai no instante mesmo de sua epifania. A crônica, nestes termos, pede deferimento. Senhora de si, ela salta da hemeroteca para a estante dos livros, pois que supera a fugacidade de origem e adentra o salão da permanência, como objeto corrente da cultura literária.

Vamos então mergulhar neste mar entre os dedos. Antes, tomemos um banho nas águas pretéritas do Rio Macuco, acompanhemos a trilha ao alto da Serra do Jequitibá, e de lá contemplemos o céu e o mar abraçados no horizonte que encanta os olhos e se envulsa nas miragens. Adiante conheceremos as ondas do mar, milagre que acontece a quem nasce no coração da mata, às margens de um rio e, num dia inesquecível, vai provar a água do oceano, para ver se realmente é tão salgada como dizem certos mentirosos. E o sal do mar é um batismo de fé na vida e nas palavras, marco inicial das pequenas e preciosas descobertas, que abatem quotas de nossas últimas inocências e acrescentam gotas de senso crítico diante do vasto mundo, no qual nem mesmo a rima é solução.

De fato, as palavras são essas águas cristalinas que escorrem das mãos do escritor. Suas crônicas são literárias no sentido exato do termo, pois que extrapolam o factual e o informativo, instaurando-se como exercícios de uma linguagem imagética, com figurações expressivas, efeitos sonoros e semânticos, com resultados estéticos singulares. Em busca de nossos ouvidos perdidos,

o cronista escreve como quem sonha. O sonho da escrita é uma viagem ao reino oculto das palavras, onde repousam os milagres das orações que despertam os deuses, aqui o implacável e indefectível Chronos.

Antônio Lopes malha o verbo numa oficina infatigável. Escolhe e molda as palavras, organiza as frases, dosa os sentidos, encaminha o texto para o golpe final, com clímax e desfecho, num só efeito de leitura e decifração. E isso nos mantém atentos, conduzidos por um fio que liga um texto ao outro, pelo interesse da prosa espaiada, e por vezes desabusada, de um cronista sem peias nas teclas. Sua ironia e seu bom humor nos divertem e advertem, pois nos levam a rir das situações, vendo-as como espelhos onde nos mirarmos. Sim, as personagens reais ou imaginadas se nos assemelham em gestos, ofícios, espíritos, defeitos e qualidades. Rimos porque, como o autor, estranhemos certos fatos que nos forcem a contracenar em situações inusitadas do cotidiano.

Caro leitor, meu semelhante, se gastou seu tempo até aqui, creio que pode me conceder mais uns apartes. A crônica se assemelha a um beliscão. Ela nos alerta sobre fatos, ideias, valores, conceitos, atitudes; enfim, certas coisas que deixamos para trás, ou ainda não havíamos percebido, ou nunca paramos para analisar. É de seu feitio nos subtrair da comodidade, pois costuma plantar uns espinhos em nossa alma e envenenar nossos olhos com doses curativas do clássico *farmakon*, sem o qual seríamos uns bobos da corte. O cronista nos faz rir, mas não está de brincadeira,

pois adota um princípio que vem de tempos remotos, sob o lema latino: *ridendo castigat mores*. Eis, pois, que a graça que nos envolve e nos faz rir é, na verdade, um recado muito sério. Aviventa-nos a centelha de nossa visão crítica acerca de uma sociedade cada vez mais atolada em crises, incompreensões, impasses e modernices, no redemoinho de uma lógica superficial, consumista, sem lastro nos verdadeiros anseios humanos. O cronista acaba por nos alertar, para que tenhamos consciência em face de tais armadilhas, e que, se quisermos, possamos nos refugiar no conhecimento e nas artes: a poesia, a música, o teatro, a pintura; este vasto reino das palavras que esclarecem, ensinam e libertam.

Para finalizar, voltemos ao início. Ter o mar entre os dedos não é fácil. É ofício de um poeta em prosa. É preciso ter nascido à beira de um rio, no coração da mata, e escalado a Serra do Jequitibá, para atingir, com um lírico olhar sobre as distâncias, o privilégio de se abismar com as imagens do oceano e das palavras. E tudo começou nas águas de um rio. “As águas, rápidas, se foram; o menino, molhado em lágrimas de saudade, ainda está aqui.”

Aleilton Fonseca, poeta e ficcionista

UM RIO SEM CARAVELAS

Nas águas tranquilas do meu rio
eu levantava velas, navegava
e adormecia a contar estrelas
na areia onde sempre acampava.

(Ceres Marylise, *"in" Atalhos e Descaminhos*,
pág. 40 – Mondrongo/2014)

Onde eu nasci passa um rio. É o Rio Macuco, que me remete àquele poema de Fernando Pessoa (musicado por Tom Jobim): não é rio tão bonito quanto o Tejo, nem tão famoso, nem tão grande. Por ele não navegaram caravelas tendo-o por caminho, por ele ninguém alcançou importantes novas terras.

Na verdade, é um rio pequeno, um riacho, um fio d'água que desce da serra, mas para mim ele é o melhor e maior rio do mundo, porque é o rio da minha aldeia, é o meu rio. O Rio Macuco representou, ao que me lembre, meu primeiro contato consciente com as forças da natureza.

Nele eu me banhei, em águas que (como às vezes ocorre com as pessoas) morreram na tentativa de chegar a algum lugar. No caso, o mar de Ilhéus. Lá

chegaram, bem sei, mas sem a marca “Macuco”, sem pureza, já misturadas a águas de rios mais importantes. Meu rio teve, ao longo do caminho, perdas que jamais seriam recuperadas.

Ao vê-lo hoje assim magro, desidratado e tímido, resmungando (quando outrora gritava), penso no destino de suas águas velhas. E concluo que apreendi a essência da filosofia de Heráclito (sec. V a.C.), antes de ter notícia da existência desse filósofo.

Esse Heráclito de Éfeso, que morreu mais de quatro séculos antes do nascimento de Cristo, afirmou que não nos banhamos duas vezes no mesmo rio, pois no instante seguinte ao banho nós e o rio já não somos os mesmos.

O pensamento heraclitano, reconheço, é de difícil entendimento para mim e, por certo, para algumas pessoas que me leem. Não foi à toa que os opositores lhe deram o epíteto de “O Obscuro”.

Por me falecer engenho, arte e gosto pelo charlatanismo, não me meto a explicar essas complicações filosóficas. Prudente, me mantenho com o Heráclito para quem gente e rio estariam em constante mutação, em ritmos diferentes, mas intrinsecamente ligados, numa atração que já dura séculos.

Gostar do meu rio me faz humano, me integra a essa fauna que, ano após ano, desde tempos imemoriais, se agrega à água e à beira dela forma grupos com o objetivo de, unidos, se tornarem menos frágeis no enfrentamento das diversidades.

Quem duvidar da atração do homem pela água (de que, não nos esqueçamos, é formado em sua maior

parte) basta olhar à volta: as nossas comunidades nasceram, cresceram e vivem à beira de rios, ainda que estes, comumente generosos, às vezes se façam cruéis.

Embora juntos, mantêm, gente e água, suas contradições, uma das quais me toca o íntimo: enquanto o homem caminha, a água corre. E como correu o meu rio, e como me dói tudo isso. As águas, rápidas, se foram; o menino, molhado em lágrimas de saudade, ainda está aqui.

BILHETE A UM JOVEM JORNALISTA

Em contato com estudantes, durante eventuais palestras que tenho feito, quase sempre me perguntam qual o caminho para “escrever bem”. Suponho seja esta uma positiva ansiedade dos jovens que escolheram a comunicação por curso e, claro, futuro meio de vida. Meu cabotinismo não chega a ponto de “dar lições” a essa gente, como se eu tivesse fórmula mágica ou, ao menos, soubesse “escrever bem”. Mas nunca me furto a um palpite.

Tangenciando a resposta a tal indagação, faço uma espécie de “carta a um jovem redator”, um bilhete, talvez. Digo-lhe: fuja do lugar-comum com a rapidez com que o Capeta corre da água benta. E tente riscar do seu vocabulário determinadas expressões em moda.

Por exemplo, se lhe vier à boca “perguntar não ofende”, puxe as próprias orelhas e, enquanto elas ardem, passa a vontade de escrever esta asneira. É garantido. Este método tão singelo também serve se lhe ataca um frenesi de dizer “a pergunta que não quer calar”.

Não diga essa bobagem, pois você corre o risco de dirigir-se a um entrevistado inteligente (e mesmo quando ele é burrinho, corremos o risco de o público não ser). Tenha um olho no seu texto e outro no leitor, bicho decididamente no fim do ciclo da existência, não esquecendo que você escreve para ser lido (e aprovado).

Outra: nunca, jamais, em tempo algum se deixe vencer pela tentação de afirmar que tal coisa, atitude ou pessoa “faz a diferença”. Esta expressão está mais surrada do que notícia da reforma política do Brasil. No mais, como jornalista, não apague, em seu íntimo, a chama da esperança de mudar o mundo. Mas, antes, procure mudar seu texto, em processo de contínua melhoria.

Rainer Maria Rilke (1875-1926), que me soprou esta tirada, jogou duro numa de suas *Cartas a um Jovem Poeta*, dureza que transponho:

Pergunte a si mesmo, na hora
mais tranquila de sua noite:
“Sou mesmo forçado a escrever?”

Meu caro consulente: se sua resposta for não, contente-se em saber que nem todos vieram ao mundo para ser jornalistas – e que o mundo precisa mais de leitores do que de escritores.

Chamado a redigir anúncios (isto há de ocorrer, cedo ou tarde) não deixe que o cliente enxerte no texto coisas do tipo “ligue agora, está esperando o quê?” ou, esta, também abominável: “a prestação cabe no

seu bolso”. Se ele insistir, desista, baseado naquela história dos anéis e os dedos: vá-se o cliente, fique a qualidade. Você não é casa de tolerância, onde quem paga tem direitos amplos e impublicáveis.

E, para voltarmos ao velho Rilke, sujeito e objeto desta arenga:

Pessoas jovens que ainda são estreantes em tudo, não sabem amar, têm que aprendê-lo. Com todo o seu ser, com todas as suas forças concentradas em seu coração solitário, medroso e palpitante, devem aprender a amar, mas a aprendizagem é sempre uma longa clausura.

Onde Rilke escreveu “amar”, peço ao caro leitor que veja “escrever”. Escrever é também uma longa clausura.

Boa sorte.

COM AS VEIAS ABERTAS

Sobre as dificuldades de escrever já foi dito tudo (resisto a de tudo, conforme está em detestável moda).

Autores afirmaram escrever para não morrer, este para não se sentir só, aquele para se sentir vivo.

Érico Veríssimo falou em “fatalidade”, Graham Greene em “necessidade”, Murilo Rubião disse escrever devido a “maldições”, já Faulkner foi mais pragmático: “Escrevo para ganhar a vida”. Há quem faça versos como quem chora, e há ainda os que parecem escrever apenas para abusar da nossa paciência de leitores.

Alguém com pendores para a economia de linguagem resumiu escrever a “cortar palavras”, enquanto, para Fernando Sabino, escrever é muito fácil: “basta sentar-se diante da máquina e abrir uma veia”. Claro que esses falares (melhor, escreveres?) são dos grandes, dos que escrevem obra duradoura. Eu, escrevinhador de planície, tenho outras dúvidas e problemas.

Luto profissionalmente com as palavras já faz pra lá de meio século, mais tempo do que tem de vida a maioria dos leitores (e o faço, tal qual o poeta, mal

rompe a manhã). Por isso, tenho cá os meus truques, ditados pela prática, que não é pouca, não pela teoria, quase nenhuma. Sou um dromedário.

Dromedário é gíria antiga das redações, tão antiga que é difícil encontrar alguém na Fenaj que a conheça. É antônimo de foca – o foca está sempre de nariz pra cima, farejando o grande “furo” de sua vida, enquanto o dromedário é niilista, fadigado, acha que já viu tudo (de tudo?) e pouco há no mundo que valha a pena. Dromedário, digamos assim, é foca desencantado.

Telmo Padilha já ensinava: discipline-se, escreva sempre, tente criar. Muitas vezes esse produto não valerá a pena, será descartado, mas o que importa é fazer. Outra lição aprendi com a vida e com Hélio Pólvora: texto é como massa de bolo, precisa “descansar”. Então, escreva e, se possível, engavete o trabalho por algum tempo, depois o releia.

Quase sempre as emendas saltarão aos olhos. Infelizmente, nós jornalistas trabalhamos sob pressão do tempo, sendo comum só vermos a bobagem que fizemos quando ela já está nas bancas, as entranhas devassadas por críticos impiedosos.

Para José Saramago, Nobel de Literatura, a escrita é só trabalho, sem prazer. Para mim, cronista municipal que ainda não aprendeu a trabalhar sem alegria, é as duas coisas. Se movido a prazer já pouco produzo, a pura obrigação de escrever me anularia por completo.

Por fim, uma dica: se você escreve mais do que lê, comece a desconfiar de que alguma coisa está errada.

CUIDADO! AS PALAVRAS SÃO ERÓTICAS

Teria sido o velho e suíço Gustav Jung quem disse: “Tudo o que nos irrita nos outros pode nos levar a um conhecimento de nós mesmos”. Assim, o combate a desvios, como ingratidão, injustiça, traição, inveja, ciúme, intolerância, medo ou impaciência, pode significar que nós próprios somos portadores deles. Pessoalmente, detesto a má concordância, a regência pífia e os lugares-comuns, por isso hei de tomar cada vez mais cuidado com o que escrevo.

Entendo ser imperativo que eu, crítico iconoclasta da obra alheia, exerça essa mesma exigência em relação à minha. E eu a exerço, embora considere normal não ter a isenção suficiente e ainda deixar contaminar minhas opiniões pela excessiva carga de autocompaixão.

Em maré de citações (Newton disse que quem cita muito não tem ideias próprias – e isto é uma citação dentro da outra), ponho em campo o pensador francês Roland Barthes, para quem as palavras se tornam eróticas pela excessiva repetição.

Confesso que sinto esse erotismo vocabular (!) no inverso da repetição, que é o inesperado. O texto novo e simples tem uma força estranha que me agride (no melhor sentido), me pega pelo colarinho e me transporta a mundos distantes.

Já aquele ramerrame com que certa mídia nos brin-da, sempre com as mesmas frases, às vezes as mesmas repetições e, não se espantem, os mesmos solecismos, longe de criar prazer, irritam, cansam e afastam o público um pouco exigente.

Bem sei que me arrisco a levar pedradas, pois acabo (ai de mim!) de me pôr em posição aparentemente contrária a Barthes. Mas, se vivo, não creio que ele ficasse muito preocupado com o que penso; morto, então...

A verdade é que experimento um prazer muito grande com frases corretas, desde que despidas de pedantismo. Elas mexem em minha alma, me embalam e me transportam, como esta, um verso de sete sílabas: "Onde eu nasci passa um rio...".

A partir desta frase de Caetano Veloso é possível escrever romance, novela, crônica, conto... ou não escrever coisa nenhuma, mas será impossível não pensar e não sentir. "Onde eu nasci passa um rio" é expressão, a um só tempo, refinada e simples. Provocativa, é das melhores frases da MPB, destinada a evocar lembranças, cheiros e sabores de perdas infâncias.

Por tudo isso, é verso bom e novo, candidato a tema de redação de vestibular, em qualquer ramo. É um termômetro de sensibilidade, tema caro a quem tem na alma, à espera de eclodir, algo de poético.

CONVERSA DE HOMEM E ÁRVORE

Não sendo de prosopopeia o caso (também dita personificação), a figura tem nome que não alcanço. A mim me importa, mais do que nomenclatura, conteúdo. Esta é a história do sujeito que monologa com uma árvore, a ela dando conta de desenganos sentimentais:

Juazeiro, juazeiro,
me arresponda por favor
Juazeiro, velho amigo,
onde anda meu amor?

A árvore, calada estava, calada ficou. Mais adiante, ele tenta envolver o pé de juá nessa história malsucedida, dando àquele alguma responsabilidade sobre o que parece ser um caso banal de amor descarrilhado:

Juazeiro, meu destino
tá ligado junto ao teu
no teu tronco tem dois nomes
ela mesmo é que escreveu.

E assim vai a confissão de amor ferido, num crescendo de emoções. Talvez por ser mais sensibilidade do que razão, se me eriça o pelo cada vez que escuto *Juazeiro* (Humberto Teixeira-Luís Gonzaga/1948).

Essa humana e eterna desconfiança, tantas vezes abordada na literatura (Shakespeare, nome acima de qualquer suspeita, a visitou, pelo menos duas vezes – nos dando *Hamlet* e *Otelo*), está ali, numa dor que contagia a própria árvore:

Juazeiro, seja franco,
ela tem um novo amor?
Se não tem por que tu choras,
solidário à minha dor?

A cruel dúvida parece decretar, na quadra seguinte, a vitória do padecimento sobre o sonho, com o amante deixando-se vencer pela desesperança. Chorando sua dor no ombro amigo da árvore, o homem escolhe a morte como alternativa:

Ai, juazeiro,
eu não guento mais roer
ai, juazeiro,
eu prefiro inté morrer.

Sem dúvida, uma obra-prima de MPB romântica, ou da cultura popular do Nordeste, se preferem. E para quem se interessa por essas filigranas do falar brasileiro, digo que esse saboroso *roer* significa, em “pernambucanês”, sofrer por amor, curtir dor de cotovelo.

Humberto Teixeira repetiria o regionalismo um ano mais tarde, em *Qui nem jiló*, de 1949: “Saudade assim faz *roer*/amarga qui nem jiló”. A matéria-prima do verbo *roer* é a ausência do ser amado, o amor não correspondido e cardiopatias semelhantes.

Juazeiro é um tema adaptado por Luís Gonzaga, a exemplo de *Asa Branca*. A melodia, de tristeza intensa, se aproxima do blues (não foi por acaso que a cantora Peggy Lee a gravou – com outra letra e sem os nomes dos autores).

O guitarrista pernambucano Heraldo do Monte fez um arranjo primoroso para *Juazeiro*, retomando aquele “nhã-nhã-nhã” típico dos violeiros de feira que Gonzaga adaptou em *Asa Branca*.

Autor e executante extraordinário, além de profundo conhecedor da cultura musical de sua terra (o que não foi afetado pelo tempo em que tocou jazz nos Estados Unidos), Heraldo do Monte nos dá, com seu arranjo, um *Juazeiro* novo.

A leitura de Dominginhos para o texto de Humberto Teixeira mostra um homem de coração despedaçado; Jane Duboc, na segunda parte, é de uma tristeza comovente – e quando diz “eu prefiro inté morrer”, eu sinto me apertar a garganta. Nascido em 1935, Humberto Teixeira estaria completando, agora, 100 anos.

SIMONE DE BEAUVOIR E A FORÇA DA COISA

“Coisa” é uma dessas palavras da língua portuguesa que surgem nas mais diferentes situações. Na tevê, houve, se não me engano, um monstro metálico, chamado *O Coisa*, crianças e adultos empregam o termo a torto e a direito – e até está dicionarizado o verbo “coisar”, como substituto de outros verbos. Na literatura, a palavra é usada há tempos.

Em 1943, o modernista renitente Oswald de Andrade publicou a crônica *O Coisa*, quatro décadas mais tarde, o americano Stephen King (dito o Rei do Terror) assombrou os adolescentes com o livro *A Coisa*. Da França, dois nomes surgem na minha lista informal: Michel Foucault (*As Palavras e as Coisas*) e a *grand-mère* das feministas, Simone de Beauvoir (*A Força das Coisas*).

Mas é provável que a maior inflação de coisas esteja na MPB. Chico Buarque, lá em 1966 (quando verde-oliva era coisa da moda), falou de uma banda que passava “cantando coisas de amor”. Antes (1962), Vinícius, de olho guloso sobre Helô Pinheiro, naquele

doce balanço a caminho do mar, disse (em música de Tom Jobim): “Olha que coisa mais linda...”.

No longínquo 1958, Elizete Cardoso propalara, da mesma dupla (*Chega de Saudade*), “ai, se ela voltar, se ela voltar/que coisa linda/que coisa louca”. Roberto Carlos, que vem dos tempos de “coisa linda/coisa que eu adoro”, seria o Rei das Coisas: fez *Coisas do Coração*, *Coisas Que Não se Esquece*, *Coisa Bonita*, *Diga-me Coisas Bonitas* (e várias outras coisas bobas de que não tento me lembrar, por absoluta falta de vocação para o masoquismo). Mas, apesar da má vontade, destaco um interessante paradoxo que ele canta: “Detalhes tão pequenos de nós dois, são coisas muito grandes pra esquecer”.

Gal Costa gravou o CD *Todas as Coisas e Eu*, e titia Rita Lee fez *Gente Fina é Outra Coisa*. E tem ainda Cecília Meireles na voz tremulante de Fagner: “Deixemos de coisa,/cuidemos da vida,/senão chega a morte/ou coisa parecida”.

O maestro Moacir Santos (de quem Vinícius disse não ser um só, mas tantos), professor de Baden Powell, Menescal, Paulo Moura e outros grandes, sabia das coisas: tocava, com domínio pleno, piano, saxofone, banjo, violão, clarineta, trompete e bateria. Não é pouca coisa.

Aliás, a estreia do maestro, em gravação, se deu com o álbum *Coisas*, um dos melhores discos brasileiros de todos os tempos, segundo a revista *Rolling Stones*. São dez faixas – Coisa nº 1, Coisa nº 2, Coisa nº 3 (e por aí vai), mas Coisa nº 1 não é a primeira faixa,

é a 8ª, Coisa nº 8 é a 10ª e Coisa nº 5 é a 3ª. Coisa confusa, não?

Coisa mais linda é *Coisas do Mundo, Minha Nega*, desse elegante, fino, inteligente e discreto Paulinho da Viola. E se o caro leitor não sabia, então fique sabendo que o poeta gaúcho Carlos Nejar tem um livro intitulado *O Homem e as Coisas*. Faltou alguma coisa?

É claro que sim, mas retomaremos o assunto logo adiante, se a gentil leitora e o exigente leitor tiverem algum interesse nessas coisas curiosas.

SE EU ME CHAMASSE AMPHILÓPHIO

Ligo para uma empresa, para falar com o gerente. “Quem deseja?” – pergunta uma voz indiferente, do outro lado da linha, parecendo mais distante do que está de verdade. Ainda de bom humor informo meu nome.

– “Como?” – interroga a moça (a esta altura, arbitrariamente, já decidi que ela é desenxabida, está “se achando” e, entre uma e outra pergunta de boba rotina, lixa as unhas). Repito. Ela, fazendo que entendeu, põe fim à conversa: “Ele deu uma saidinha e estará retornando daqui a pouco. O senhor não gostaria de estar deixando um recado, senhor Clóvis?”

Não gostaria de estar deixando um recado, nem dois ou três. É que não costumo estar deixando recados com pessoas que sequer sabem anotar meu nome. Mais ainda se essas pessoas puxam as orelhas da sintaxe e dão pontapés no *derrière* da concordância.

O músico Egberto Gismonti conta que, melhor do que eu, leva essas confusões com bom humor. Habitado a ter seu nome mal anotado, diverte-se com as

“traduções” que já recebeu para Egberto: Gilberto, Roberto, Edilberto, Felizberto.

“Gosto mesmo é quando me chamam de Liberto”, diz ele, com um sorriso que se abre de uma orelha a outra. Para mim, trocar meu nome não ofende, mas, confesso, chateia um tanto. Imagino se eu me chamasse Amphilóphio.

É que certas pessoas são especializadas em entender tudo errado. Assim, confundem *Corpus Christi* com *habeas corpus*, tromba de elefante com conta-gotas, Jorge Araujo com Karl Marx, alhos com bugalhos; Oswald de Andrade com Mário de Andrade, Hélio Pólvora com Ruy Póvoas e babado com bico.

A lista inclui ainda beijo de jegue com arroz doce, Daniel Thame com Edmar Tommy, tapioca com beiju, pião com carrapeta, gênero humano com Germano, homem com menino crescido, bocapiu com panacum, marselhesa com maionese, japonês com chinês (e coreano com os dois). Há até quem confunda cinto com funda...

Antes de ganhar o nome de Zito Bolinha, o futuro massagista do Itabuna Esporte Clube, gente boa de Buerarema (onde era conhecido como Zito de seu Hermínio), fez uma grande confusão com certa palavra: sinônimo. Assim, tudo que o espantava, divertia ou preocupava, ele definia como... “um sinônimo!” – para a total perplexidade dos que o ouviam.

A gripe asiática era um sinônimo, Leo, entortador de zagueiros, era outro sinônimo, e que sinônimo era a louríssima arrasa-quarteirão Marilyn Monroe,

incendiando telas e a imaginações! Até que, interrogado a respeito, por um intrigado Walter Santana, do Cartório, Zito explicou que aprendera a palavra no filme *Absolutamente Certo*, visto no Cine Maracanã.

Anselmo Duarte (1920-2009), a certa altura da narrativa, afirma: “Isto é um fenômeno!” O bom Zito Bolinha, que nunca teve oportunidade de ir à escola, confundiu fenômeno com sinônimo, e saiu por aí a despertar suspeitas com seu vocabulário “novo”. Era mesmo um “sinônimo”, esse Zito Bolinha.

CREIAM, JÁ DERRUBEI BASTILHAS

Fomos, os brasileiros, em tempos que longe vão, todos um pouco franceses: o piano, o perfume, a língua, a música, a moda, o cinema, a Revolução. Ah, a Revolução...

Menino, durante a aula de história no Ginásio Henrique Alves, em Buerarema, atravessei a velha Paris do fim do século XVIII, em companhia de Robespierre, Danton e Marat. Derrubei, acreditem, bastilhas e monarquias, sem misericórdia ou piedade pelas cabeças coroadas que rolavam.

Hugo, Flaubert, La Fontaine e Voltaire eram traduzidos na escola. Cantávamos *La Marseillaise*, mesmo desafinados. No rádio, Bécaud, Piaf, Aznavour, Mireille Mathieu, Yves Montand, Juliette Gréco. Na tela, Alain Resnais, Clouzot, Simone Signoret, Alain Delon, Louis Malle, Charles Vanel, Anouk Aimée, Godard para os esnobes, e uma figura muito especial: culpada pela minha insônia, ainda assim a perdoo – e perdoo tanto que lhe dedico, por ser de inteira justiça, um período exclusivo.

Brigitte Bardot.

Passados tantos anos, ainda tenho no pensamento a França ensanguentada, que nos deu, dentre outros valores, a Declaração dos Direitos do Homem, a dizer que nascemos livres e iguais em direitos. E me dói ver o quanto ainda estamos em débito com uma conquista pela qual lutei há quase 230 anos.

Em viagem recente, conversei com uma senhora parisiense sobre a decadência da cultura francesa, que influenciou o Brasil e o mundo (até meados do século XX, pelo menos). Se discordamos, não terá sido em coisa de grande peso.

Acordamos em que o espaço da língua culta foi muito reduzido – sobrevivendo a custo na área diplomática. Mas tínhamos preocupações diferentes: eu, perfunctório, pensava em língua, música, cinema, literatura; ela, de olhar profundo, pensava na mesa.

Enquanto eu lamentava que já pouco se estude francês (língua “irmã” do português) ou tanto se despreciem as letras e as canções francesas, a gentil senhora deplorava a presença do Mc Donald’s, a popularizar hambúrgueres malcheirosos – uma agressão à *cuisine* (pouco importa se *nouvelle* ou *classique*). Os bárbaros estão chegando e, com eles, a obesidade descobre Paris.

Os tempos mudam, o novo sempre vem. É de lei. Mas nem todo velho é ruim, nem todo novo é bom, nem tudo que parece novo é novo. Com a companheira de viagem fiz apreensões da realidade e externei preocupações com a expansão do império americano,

mesmo lembrando que tal império outrora foi francês, e que *La mère* África sofre com isso até hoje.

C'est la vie, dissemos em dueto. E, para comemorar, comemos talvez nossa última refeição ritual (por ela sugerida): um pavê de *morue à l'huile d'olive, et rata-touille*, que vem a ser (se acaso o vinho e aqueles olhos insondáveis não me embotaram o entendimento e o paladar) um lombo de bacalhau nadando em azeite, cercado de legumes por todos os lados, menos o de cima. E o de baixo, é óbvio.

Não foi uma sessão de saudosismo, mas de arte e filosofia. Se saudade tive foi daquele menino de outrora, mais incendiário, e que hoje, transmutado em velho, parece cansado de tantas batalhas perdidas.

DA QUE MATOU O GUARDA

Dizem, mesmo sem pesquisa científica, tese ou dissertação acadêmica, que o Banco Raso possui o maior número de botequins por metro quadrado do território de Itabuna. Adiante-se que às vezes ele é confundido com o São Caetano, mas São Caetano não é, pois o Banco Raso nunca foi santo. Mas voltemos, rapidamente, ao que interessa, os botequins, na intimidade ditos “botecos”.

Minha surpresa é ver num almanaque (o que seria de mim, sem os almanaques?) que o termo vem do italiano *botteghino*, uma espécie de mercearia que entre nós ganhou outro significado, bem distante do original.

Aqui, botequim vende, especialmente, álcool, nos seus mais diversos perfis, num espectro que não desdenha das bebidas mais metidas a besta, mas valoriza surpreendentes “manipulações” de cachaça: das folhas diversas à “rinchona” pura, da que matou o guarda à que matou a cobra.

É o bar local bom de começar nova aventura amorosa, rever amigos, trocar ideias, jogar conversa fora,

consertar o Brasil. Com mesas às vezes mal-ajambradas, costuma ser o ambiente ideal para curtir dores de cotovelo, fazer amigos, avaliar a política nacional, discutir filosofia, futebol e sexo dos anjos. “Desce mais uma!”

“Refúgio barato dos fracassados do amor” (conforme a canção de gosto, este sim, barato), o boteco tem atraído as atenções da literatura: Jaguar fez *Confesso que Bebi*, 2001, e Moacyr Luz, em 2005, *Manual de Sobrevivência nos Botequins Mais Vagabundos*.

Em outro plano, para público mais sofisticado, lembro-me do jurista Eros Grau, ex-ministro do Supremo, que dedicou seu latim aos cafés e restaurantes de Saint-Germain-des-Prés, em Paris. Também Evandro Barreto tratou do tema em *Na Mesa Cabe o Mundo*, uma viagem “de Paris ao bar da esquina”.

Como essas aventuras parisienses não são para o meu bico, fiquemos em terras brasileiras, que também são fartas de episódios interessantes:

No Villarino, Rio, 1956, copo cheio à mão, Tom Jobim foi apresentado a Vinícius de Moraes, pelo jornalista Lúcio Rangel; o Anjo Azul, em Salvador, abrigou a primeira exposição do argentino Carybé no Brasil (gostou tanto que ficou baiano!); em São Paulo, o Nick Bar, espécie de extensão do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), virou samba-canção, cantado por Dick Farney, um dos grandes das MPB.

Rubem Braga, Heitor dos Prazeres, João Cabral de Melo Neto e Vinícius, em tempos difíceis, consumiam uísque barato no Vermelhinho, Rio; Paulo Leminski

chegava ao Stuart, em Curitiba, às 10 horas, quando começava a beber vodca e escrever poesia, tendo ali criado famosa frase: “O Rio é o mar; Curitiba, o bar”. Histórias de botecos.

Para terminar: a literatura e o jornalismo regionais sempre gostaram muito de botecos. Lembro Firmino Rocha, que andava de bar em bar de Itabuna, onde vendia seus livros, recitava, conversava e enxugava garrafas. Era o representante da categoria, neste quesito.

Quanto aos jornalistas, foram muitos os que gastaram, além dos cotovelos, bancos e balcões dos botecoquins (olha a aliteração!). Nesse mister, mesmo com risco de cometer injustiças, destaco Nelito Carvalho, Eduardo Anunciação, Manuel Lins, Jorge Araujo, Roberto Junquillo e outros. Muito eficientes, tinham o bar quase como um anexo da redação.

A FALTA QUE FAZ UM DICIONÁRIO “POÉTICO”

Alguém me questiona a respeito de palavras “poéticas” – se há termos adequados para escrever poesia. Mesmo sem ter maior intimidade com as musas, creio que, em princípio, não. Afirmar o contrário seria admitir a existência de um dicionário apropriado para os poetas, de sorte que bastaria adentrar a livraria, comprar a última edição revista, atualizada e ampliada, depois sair por aí desembestado a produzir cascatas de sonetos, elegias, odes, éclogas, epopeias, versos concretos, abstratos, brancos, pretos (ou afrodescendentes?) e o que mais nos desse na telha.

Isto já nem seria um dicionário, mas uma usina de talentos, fabricando, como em desenfredda linha de montagem, drummonds, camões, cecílias, florbelas, bilacs e castro alves à mancheia (para fazer o povo pensar).

Na falta desse livro mágico e salvador da lavoura poética, é tratar de combinar palavras, extraindo-lhes ritmo, imagem, som e, às vezes, fúria. Vejam que elas são as mesmas à disposição de todos, e apesar disso

não há em cada esquina um João Cabral de Melo Neto, nem pra remédio. É questão de saber usá-las, e nem todos o sabemos.

Algo parecido acontece com as notas musicais: são apenas sete (se abstrairmos os bemóis e sustenidos), mas sua combinação oferece os mais surpreendentes efeitos: com tão poucos recursos é possível fazer ar-rocha, “música baiana”, jazz, samba, Tom Jobim e a *Quinta Sinfonia* de Beethoven, para não citar muitos exemplos.

A *Quinta*, aliás, me soa adoravelmente simples, ao menos no início do primeiro movimento. É a parte que todo mundo conhece, solfeja e assovia, e que envolveria curiosa relação com aquela mulher muito indesejada, e que usa foice.

A anedota de que as quatro notas da abertura significam a Morte batendo à porta carece de valor científico. Estudiosos merecedores de crédito dizem que um ex-secretário do velho Ludwig, aspirante à notoriedade, teria inventado estas e outras inverdades a respeito do músico, só pra ganhar dinheiro. Que gente!

Outra curiosidade: as quatro notas iniciais (três sons breves e um longo) correspondem à letra V no Código Morse. Não por acaso, a *Quinta* foi executada pela BBC de Londres, em 1965, logo após a morte de Winston Churchill. É que o gorducho estadista britânico usava o V (de *Victory/Vitória*) como gesto de incentivo a qualquer foco de resistência à agressão nazista. Tam-tam-tam-tammm...

EMÍLIO COM A VOZ ADOCICADA

Foi com Emílio de Menezes que aprendi a beber uísque com água de coco. “Como?” – gritariam horrorizados puristas, para os quais uísque não se mistura – e, no seu espanto, me levantariam a bola para um mau trocadilho: não coma, beba. Os leitores já escandalizados com este abrir de coração, saibam que, réu, confesso: precoce, bebia uísque e fumava. Mas de fumar lhes digo que logo me cansei, talvez porque tenho grande desamor pelos vícios de pequeno porte.

Mais: se o poeta morreu em longínqua era, no começo do século XX, este provinciano fazedor de crônicas, para gabar-se de com ele ter feito tintim, precisaria carregar no costado, pelo menos, 100 anos. Não sou tão velho quanto pareço, embora (ai de mim!) esteja na chamada idade provecta. Estou mais pra lá do que pra cá, dobrado o Cabo da Boa Esperança e ofensas semelhantes, mas não tanto que ultrapasse uma centena de ardentes verões.

Não menos escandalosa seria a hipótese de eu ter começado a frequentar botecos ainda em uso de

cueiros e mamadeira, anomalia, reconheça-se, digna de intervenção do Juizado da Infância. Assim, apresse-me a explicar que meu “convívio” com Emílio não se deu em boteco, mas no livro *Emílio de Menezes, o Último Boêmio* (Raimundo de Menezes, 1949) – que bebi (*ops!*) há tempos imemoriais, e há pouco recuperei num sebo.

No Colégio da Bahia, há séculos, fui a uma prova oral de literatura, “tirei o ponto” (pergunte a seu avô o que isto quer dizer!), saiu Emílio de Menezes. A professora (desconhecida, foi lá apenas fazer as provas) perguntou-me, com ar de desesperança, se eu sabia “alguma coisa” do assunto. Disse-lhe, trêmulo e pálido (já me sentindo reprovado, carregava a ousadia dos desesperados), que sabia, sim, mas não o conteúdo do curso. Ela mandou-me falar o que eu soubesse.

Com *o Último Boêmio* na ponta da língua, deitei e rolei, falei, falei como nunca falara antes. Com desfaçatez de louco e animação de cigarra vadia, cantava para não morrer. Nesse estranho papel de Xerazade cabocla fora de época e espaço, citei trocadilhos (não os impublicáveis, para não abusar da sorte), casos, chistes, maldades, piadas (as cabeludas, não – que querem?), fiz a professora sorrir, sorrimos juntos e fui aprovado, com sobras.

Vejam que eu não sabia do poeta a data de nascimento, que escola frequentou, o nome de sua parteira, essas bobagens que os lentes tradicionais tanto valorizavam. Se a mesma prova fosse feita pelo meu siso-do professor do Instituto Municipal de Educação (em

Ilhéus) eu seria sumariamente reprovado. O que, para alguns, seria bem empregado, pois não estaria agora a tomar o tempo dos leitores (e leitoras!) com minhas estórias sem pé nem cabeça.

Pois digo aos que acreditam em metempsicose e outras formas de imortalidade da alma (isto é um verso de Geir Campos, vocês sabem) que encontrei Emílio de Menezes também em *Parnaso de Além Túmulo*, livro psicografado por Chico Xavier. E não gostei. Naquelas páginas, para minha decepção, está um ex-satírico, doce feito mel de engenho, “recuperado” – logo ele, a voz poética mais destrutiva que já se ouviu neste País.

Num soneto, afirma, no tal livro: “Sou o Emílio, distante da garrafa”, confissão altamente comprometedora para alguém com seu passado heroico-etílico. E acrescenta: “mas que não se entristece nem se abafa,/longe das anedotas indecentes”. Não é fala de Emílio, mas de anti-Emílio.

DE APOSENTADOS E GIRAFAS

É conhecida a anedota do português teimoso, a quem o amigo descreveu a girafa como um animal de pescoço comprido, pernas muito grandes, cabeça de gafanhoto... O portuga, estribado em lógica irretocável, decretou: “Pensas que sou parvo? Isto não existe!”

O amigo o levou ao Zoológico e apresentou a prova, viva e catando brotos no alto das árvores, com seu pescoço quase imoral: “Estás a ver? Esta é a girafa.” O teimoso olhou, analisou o insólito bicho nos mínimos detalhes e afirmou, com a certeza dos malucos e das crianças: “Girafas não existem!”. E de nada adiantou a dita cuja lamber-lhe a careca, pois a opinião foi mantida: “Girafas não existem, e ponto final”.

É como o cara que foi chamado pelo INSS a comprovar a existência. A simples presença, o dizer “estou aqui, vivo” (ou expressão semelhante) não é prova aceita – esta tem que ser documental, burocrática. O aposentado é a girafa da burocracia brasileira.

Em sua impotência, ele pode protestar, gritar, chorar e espremer, dizendo-se vivo, que o “sistema” não tomará conhecimento. Haverá de seguir os trâmites exigidos para que a Nação não tenha, cada vez mais, espoliados os cofres.

É que o governo, com frequência, é levado a pagar benefícios previdenciários a indivíduos mortos, ausentes, inexistentes ou que habitam lugares incertos ou não sabidos.

Mas neste caso, fez-se até muito oportuna a declaração de vida, não porque nosso herói se preocupasse com o governo, mas porque se preocupa, em *primus locus*, consigo mesmo. Incapaz de fazer marketing pessoal, tão em moda, viu nessa exigência uma oportunidade de promover-se, ao menos junto ao banco que lhe repassa os magérrimos proventos mensais de aposentado por tempo de serviço.

Tomando o anúncio como ato de justiça, decidiu: daqui para a frente, não perderia oportunidades de dizer, para quem tiver ouvidos de ouvir e olhos de ver, que existe. De documento em punho, impôs a si mesmo uma nova divisa: “Eu estou aqui, ainda não morri, por incrível que pareça!” – é sua nova divisa.

Afinal, se as cervejas, os carros, os smartphones, os cartões de crédito, as novelas de tevê e os refrigerantes se anunciam – a rigor, são anunciados, mas o efeito é o mesmo – “Estamos vivos e disponíveis!”, diriam, se tivessem o dom da fala – por que ele, após 35 longos anos como balconista de loja, não se anunciaria?

Dito e feito. Não só atenderia a essa curiosidade do governo como iria, fazendo disso hábito, fazer-se “público” o mais possível: perfil no facebook, espalhar fotos, dar detalhes de sua vida, contar (ainda que mentirosas) apimentadas histórias pessoais.

Por exemplo, ao espirrar, postar “Espirrei!”. Deu certo. Já foi até chamado para quebrar coisas no Black Bloc, participar de excursões com grupos de terceira idade (que, sabiamente, recusou), integrar, como curiosidade, o *Big Brother*, fora os convites para atividades impublicáveis.

A propaganda ainda é, do negócio, a alma. No caso, do Black Bloc, a arma.

COISA QUE DÁ SUOR, VERTIGEM E FRAQUEZA

Retomo, por compromisso assumido, a curiosidade sobre a palavra “coisa”, que, em geral, é substantivo, mas pode ser outra coisa, até o verbo “coisar” – espécie de coringa, substituto de verbo esquecido.

No Nordeste (e em Portugal) “coisar” é praticar o ato sexual, enquanto “coisas” seriam os órgãos genitais. Tirem as crianças da sala que lá vai José Lins do Rego, num trechinho didático de *Riacho Doce*: “E deixava-se possuir pelo amante, que lhe beijava os pés, as coisas, os seios”.

Fred Navarro (*Dicionário do Nordeste* – Estação Liberdade/2004) informa que, na região, “coisa” é um dos nomes da maconha, veneno antes execrado e hoje coisa absolutamente inócua, se comparada com o crack e outras coisas.

Fred abona sua afirmação com um time que sabe das coisas: Bráulio Tavares, Zé Vicente da Paraíba e Passarinho do Norte, num martelo agalopado:

Tem um verso que fala da maconha
 Uma erva que dá no meio do mato
 Se fumada provoca o tal barato
 A maior emoção que a gente sonha
 A viagem às vezes é medonha
 Dá suor, dá vertigem, dá fraqueza
 Porém quase sempre é uma beleza
 Eu por mim experimento todo dia
 Se tivesse um agora eu bem queria
 Pois a coisa é da santa natureza”.

Pausa para dizer uma coisa: martelo agalopado é uma dentre as muitas modalidades da composição poética popular, conforme o modelo acima: dez versos de dez sílabas poéticas, com rimas do tipo ABBA-ACCDDC, isto é, o primeiro verso rima com o quarto e o quinto, o segundo com o terceiro, o sexto com o sétimo etc. Já se vê que produzir tal pacote de rimas de improviso não é coisa para amador.

Caetano Veloso usou a palavra em *Qualquer Coisa* (“Esse papo seu tá qualquer coisa”) e em *Sampa* (“Alguma coisa acontece no meu coração”). Noel Rosa disse que o samba, a malandragem, a mulata e outras bossas “são coisas nossas”.

O carnaval de Olinda tem o bloco adulto *Segura a Coisa* (no estandarte, um baseado tamanho família) e o infantil *Segura a Coisinha*. O grito de Alceu Valença ecoa pelas ladeiras seculares: “Segura a coisa, que eu estou chegando”.

A MPB, às vezes, trata a coisa com certo exagero: Gonzaguinha fala em “coisinhas miúdas” e Jorge Aragão-Almir Guineto-Luís Carlos criaram a tatibitate

“coisinha tão bonitinha do pai”, que virou trilha sonora da NASA, mas a NASA merece.

A gentil leitora precisa tomar cuidado com a coisa (se me é permitido o conselho gratuito), que pode ser perigosa: “A coisa pega!”, diz o povo. Saiba o atento leitor ser a coisa (de cor indefinida) camaleônica, o que a faz um tanto traiçoeira, segundo a crença popular. Escreveu, não leu, a coisa fica preta, e é um deus-nos-acuda.

Em *O Livro das Coisas Perdidas*, o irlandês John Connolly reescreve fábulas clássicas (como *Branca de Neve e os Sete Anões*), em tom de mistério (ele é um bem-sucedido autor deste gênero).

Faltou dizer (dentre outras coisas, pois o assunto coisa parece inesgotável) que o curso de formação de advogado contém um bem intrigante ramo do conhecimento, ao menos para cronistas leigos: *O Direito das Coisas*.

Fico pensando no caos que seria se as coisas, sentindo-se lesadas em seus direitos, resolvessem empunhar faixas, queimar pneus, interromper as estradas e gritar palavras de ordem (“As coisas.../Unidas.../Jamais serão vencidas!!!). Seria uma coisa terrível.

(Empreguei neste texto a palavra coisa e o verbo dela derivado 35 vezes. Só pra coisar com o leitor).

A CHINA INENARRÁVEL

Entre nós, há indivíduos que costumam pospor a palavra “doutor” ao nome, como se esse apêndice viesse do berço familiar e tivesse sido sacramentado no cartório do registro civil. O advogado Adélcio Benício dos Santos era um desses: jamais permitiu ser chamado de “Adélcio”, exigindo que lhe dessem o que lhe parecia de direito – ser chamado de “Dr. Adélcio”, mesmo sem defender tese de doutorado sobre tema algum.

Homem rico, elegante da roupa ao calçado e aos acessórios (ternos bem cortados, sapatos de cromo alemão, gravata italiana e relógio de ouro), de família tradicional (filho de Francisco Benício – comerciante, pioneiro e nome de rua em Itabuna). Líder político de direita, candidato a herdeiro do “coronel” Gileno Amado, de quem foi seguidor, tipo píncnico (“píncnico” é classificação reservada aos ricos; pobre é “atarracado”), estudioso, com tinturas de erudito e certo amor pelo falar empolado.

Tinha esse Dr. Adélcio, além dessas qualidades, uma filosofia de vida muito própria, que fazia questão

de, didaticamente, alardear. Dele ouvi que “é imperioso ter atenção especial ao sujeito que lhe toma dinheiro emprestado e paga. Ele pode estar preparando o terreno para tomar uma quantia maior e não pagar”. Além de teórico da economia, conhecedor dos escaninhos mais escondidos da mente humana, já se vê.

Lá pelos anos setenta, a China era um lugar longínquo e misterioso, a que a direita um pouquinho mais besta chamava “Cortina de Bambu” (por analogia com a “Cortina de Ferro”). Pois o Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau (CCPC), de Itabuna, decidiu lançar nosso principal produto agrícola naquele imenso mercado e para lá queria mandar um “embaixador”. O problema é que não se dispunha de ninguém com coragem suficiente para tal empreitada. Os chineses metiam medo.

Foi quando se apresentou como candidato ao “sacrifício” um de seus dirigentes (quem? quem?), o Dr. Adélcio – que, além das qualidades acima descritas, dedicava grande amor às viagens, freguês constante da Panair e da Cruzeiro. “Se é para o bem do chocolate, diga ao povo que vou”, teria dito o causídico, o que não afianço, pois tenho enorme desconfiança das verdades não comprovadas.

Como prova provada tenho que Dr. Adélcio não apenas foi à China, como voltou vivo, inteiro e mais lépido, fagueiro e serelepe do que nunca. Devido a esse ato de destemor-quase-heroísmo (financiado pelos produtores de cacau, obviamente), ele se tornou freguês, presença constante nos voos para a terra do

velho Mao, na tentativa de levar os chinas a consumir chocolate produzido com cacau sul-baiano.

Se vendemos alguma amêndoa nessa aventura, desconheço. Mas conheço uma entrevista de rádio (“meninos, eu ouvi!”), quando Dr. Adélcio voltou da primeira “aventura”. O repórter, já não me lembra quem:

– Dr. Adélcio, que tal a experiência de conhecer a China?

Depois de ligeira hesitação e leve temperar de garganta, veio a resposta, antológica, rara, no emprego da linguagem pomposa, mas sem desperdício:

– Inenarrável.

CONTEMPLADORES DO UMBIGO

Estudantes me procuram, pelo telefone, com a proposta de que eu lhes dê uma entrevista. “Por que logo eu?” – me ocorre perguntar. “O senhor não é o escritor?” – ouço como resposta, e a construção da frase me deixa ainda mais encabulado.

Se não me julgo “escritor”, o que dizer se me chamam “o escritor”? Senti eu algum ventinho de sarcasmo a embalar a pergunta? Não sou escritor, sou, no máximo, mediano fazedor de crônicas, infinitamente menor do que os mestres desse gênero essencialmente brasileiro.

Mas, mesmo não concorrendo com Rubem Braga, Fernando Sabino, Drummond, Hélio Pólvora, Machado de Assis ou João do Rio (para citar uns poucos gigantes no tema), confesso minha fraqueza: o convite me deixou com a alma em festa.

A escola, em sua confusa maneira de agir, encaminha estudantes a essa fauna de cronistas, ensaístas, poetas e romancistas (genericamente chamados de escritores), suspeitando que isto facilite o aprendizado.

Tenho, cá com meus botões silenciosos, dúvidas sobre a eficácia do método.

Talvez os professores não saibam que estranha fauna é a nossa. Formada por indivíduos a quem, quase em maioria, falta capacidade para tratar com jovens, o que não lhes falta é má vontade com tudo que não alimente sua vaidade, que não conforte sua alma de artista, em geral, “incompreendido”.

Mandar estudantes à cata de escritores é imaginar que estes se interessam por aqueles, o que é ilusório. Sem compromisso social, alguns integrantes da fauna são incapazes de ceder seu precioso tempo de “criação” para responder a perguntas. Muito ocupados com o próprio umbigo, deveriam pregar à porta um cartaz: “Afastese! Gênio trabalhando!”

Fernando Sabino popularizou a história do escritor que vivia à cata de “um elogiozinho, pelo amor de Deus...”. Na matriz dessa maldade (?) está Nelson Rodrigues, que assistira a um encontro de Clarice Lispector com Jorge de Lima, quando este se identificou como poeta, esperou o elogio... e o elogio não veio!

Teria o vate alagoano ficado muito magoado com a autora de *A Hora da Estrela*. Se isto é verdade (Nelson Rodrigues era grande criador de situações), não tenho como provar. Mas tende a ser, pois grande parte dessa gente só tem ouvidos de ouvir elogios, embora disfarce essa preferência.

Nem todo mundo tem a franqueza de Machado de Assis, mestre, que reconheceu não ser de recusar

elogios: “Amo-os. Eles fazem bem à alma e ao corpo”.
E contradizer o Bruxo, quem há de?

Assim, que venham a mim os estudantes. Valho-me da ingenuidade deles e me autoproclamo, já que ninguém o faz, “o escritor”, pançudo de orgulho, empáfia e arrogância.

A LUXÚRIA EQUIVOCADA

Creio que os almanaques foram, sem volta, para a lista das invenções extintas. E é uma pena danada, pois eles eram a tábua de salvação de muitas pessoas que se pretendem (ou lhes imputam, à revelia, tal qualidade) “cultas”.

Ai de mim se não fosse a “cultura de almanaque” (o Google quase o substitui) que dizem para nada servir, mas que a mim me diverte, e isto já não é pouco. Pois, creiam, li num deles que a palavra *afrodisíaco* (a tal vitamina do amendoim!) vem, quem diria, de Afrodite, deusa grega (a Vênus dos romanos).

Ela é a deusa do amor, da beleza, da fertilidade e do sexo (sugerindo variados gêneros de pouca vergonha em que o estimado leitor, quem sabe, está pensando neste momento) – o que explica um pouco as lendas em torno dessa questão. É uma história de espantar, pelas fortes emoções.

A deusa nasceu da espuma das ondas, depois de Cronos, deus grego do tempo, ter castrado o pai dela, Urano, e jogado as genitais no mar (os deuses

do Olimpo pegavam pesado!). A narrativa mitológica fica ainda mais arrepiante ao sabermos que Cronos, o castrador, era filho de Urano, o castrado – ai!

Pois bem. Após estranha concepção, nasceu nossa Afrodite, que saiu da água numa concha de ostra – e essa aparição apoteótica, em estilo de alegoria de escola de samba, deu na crença de que os frutos do mar são afrodisíacos, sendo a ostra a verdadeira joia da co-roa, se vocês me entendem.

E se isso tudo é potoca das boas, não culpem este cronista curioso e especialista em coisa nenhuma, mas o *Dicionário dos Afrodisíacos*, dum tal H. E. Wedeck, pesquisador de estranhas coisas (publicou livros sobre feitiçaria, astrologia, Satanás e delícias assemelhadas). Os detalhes sobre o culto a Afrodite, nos bons tempos da Grécia (hoje em crise econômica braba), não publico, pois traumatizariam as mentes mais sensíveis.

É prudente parar por aqui, antes que minha gentil leitora e o criativo leitor comecem a pensar bobagem e por isso me culpem. Mas, à guisa de conselho aos mal informados, não resisto a uma citação de Shakespeare, especialmente indicada para esta dissertação sobre afrodisíacos. Então, vamos lá, como disse aquele prefeito, contemplando o indefeso cofre da prefeitura.

Em *Macbeth*, creio ser na cena II, o tragediógrafo britânico destaca ser o álcool (que muitos apontam como tiro e queda em situações de fragilidade, se é que assim me posso expressar) não é confiável:

“provoca o desejo, mas liquida o desempenho”. E explica: “muita bebida equivoca a luxúria, a ajuda e a estraga, a empurra para cima e a empurra para baixo”.

É provável que, resultante dessas tentativas movidas a álcool, o estimado leitor não tenha mais do que uma brutal dor de cabeça, acrescida do esmagante peso da decepção. Confie no Velho Bardo, que, tudo indica, tinha ciência dessas íntimas complicações.

ENTRE O DESDÉM E A SOLIDARIEDADE

Esta conversa, fatalmente, deságua em Fernando Pessoa. Então, para evitar perda de tempo, vamos, em linha reta, a Lisboa, 1930. Com desculpas pela previsibilidade, lembremos a primeira quadra de *Autopsicografia*:

O poeta é um fingidor:
Finge tão completamente,
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

Entre nós, o tema de “não dar o braço a torcer”, não demonstrar o que nos vai na alma, não permitir que nosso sofrimento seja partilhado pelos outros, é comum. Se colocadas a igual distância do desdém e da solidariedade, as pessoas, em geral, preferem não arriscar.

Então, sobretudo nos comuns descarrilhamentos amorosos, é fazer aquela cara de que está tudo bem, sem dar oportunidade a que almas cruéis riam do nosso padecer. O fogo de sentimentos incômodos nos consome (ardemos por dentro, é verdade), mas

os inimigos não terão o gostinho de saber disso. Eles só nos verão limpos, cheirosos, escovados e com um amplo sorriso no rosto. Aqui pra eles!

A MPB oferece belos exemplos desse fingimento. Noel Rosa, fonte a que recorro quase todos os dias, diante da “dureza” em que vivia (conhecida da maioria dos brasileiros, até hoje), encontrou um jeito de lidar com o problema. A receita está em *Filosofia*, de 1933:

Nesta prontidão sem fim,
Vou fingindo que sou rico,
Pra ninguém zombar de mim.

“Prontidão”, só pra lembrar, é gíria da época, significando estado de quem está sem dinheiro, pronto, duro, liso. Mais tarde (1937), em *Eu Sei Sofrer*, reza a lenda que apenas 14 dias antes da morte do Poeta da Vila, a volta ao tema:

Quem é que já sofreu mais do que eu?
Quem é que já me viu chorar?
Sofrer foi o prazer que Deus me deu
Eu sei sofrer sem reclamar.

O vozeirão de Orlando Silva entoava, em 1938 (*Meu Pranto Ninguém Vê*), esta, de Zé com Fome e Ataulpho Alves:

Pra ninguém zombar,
Pra ninguém sorrir,
É só no coração que eu sei chorar
O pranto meu ninguém vê cair.

A dupla Humberto Teixeira e Luís Gonzaga também comparece, com *Qui Nem Jiló*, de 1949:

Mas ninguém pode dizer
Que me viu triste a chorar,
Saudade, o meu remédio é cantar.

Abrindo parênteses: Esta letra de Humberto Teixeira inspirou Victor Palomo, jovem psiquiatra ilheense, a produzir o ensaio “*Qui nem jiló*” – *A saudade do lugar de origem* (Editora Escuta/SP – 2014). Trata-se de longa viagem literária com o tema “saudade”, indo do citado Humberto a Torquato Neto, de Vinícius de Moraes a Gilberto Freire, com passagens por Mário de Sá-Carneiro, Gregório de Matos, Fernando Pessoa, Baudelaire, Waly Salomão e muito – para minha pessoal satisfação – muito Manuel Bandeira. “*Qui nem jiló...*” mostra um pesquisador atento, lúcido, sensível e erudito, responsável por um texto que revela amplas leituras. É a resposta pronta e acabada àqueles que, saudosistas (quando não reacionários), vivem a apreçoar como os jovens de hoje sabem pouco. Esse Victor Palomo sabe muito.

Voltando ao tema: Em *Pintura Sem Arte*, o grande Candeia, em cadeira de rodas (paralisado por uma bala na coluna vertebral), com versos pungentes, explicita muito bem o “fingimento” do poeta:

Mas se é pra chorar, choro cantando
Pra ninguém me ver sofrendo
E dizer que estou pagando.

Claro. Fingir é fugir (*ops!*) a determinados padecimentos morais, que se fariam mais dolorosos se caíssem na boca dos “inimigos”.

O CAOS NOS NOMES PRÓPRIOS

Nomes próprios seguem a norma ortográfica, não podem ser criados como “marcas” de empresas em agência de propaganda: Anna, Manoel, Luiz, Moraes, Sarah, Pitú, Antonio, Helio e outros são invenções dos cartórios, dos pais e das agências, que não devem ser seguidas.

Ana, Manuel, Luís, Moraes, Sara, Pitu, Antônio e Hélio são as formas corretas, fixadas em 1943 e revistas em 1955. Com o Acordo Ortográfico (oficiosamente em vigor), que unifica as escritas de países lusófonos, criou-se uma dificuldade extra.

No Brasil, as palavras Antônio, patrimônio, tônico, Amazônia, Sinfrônio, anatômico e semelhantes não foram alcançadas pela mudança. Continuamos a grafar esses termos com acento circunflexo, não agudo, como em terras d’além-mar.

De todas as invenções com nomes próprios, talvez a mais notável delas seja Moraes (Vinícius foi registrado com esta curiosa variante). Segundo os (bons) linguistas, a forma citada é estranha à língua portuguesa, uma alteração desnecessária de Moraes.

Para o filólogo Antenor Nascentes (1886-1972), referência nestas questões, quer se veja a origem no substantivo amoreiral, quer no adjetivo moral (no plural: amoreirais e morais), nunca se chegaria a *moraes*. Por coerência, teríamos de grafar *pardaes*, *geraes*, *normaes*, *banaes*, *canaes* – e por aí segue o lamentável andor da ignorância.

Mas nem tudo está perdido, pois, afinal, o que devia ser regra aparece como exceção, mas aparece: Prudente de Moraes é município mineiro grafado com respeito à língua portuguesa; no Rio, Trajano de Moraes é outra exceção “positiva”.

Ainda no Rio, a Rua Vinícius de Moraes (antes, Montenegro) cruza com a Prudente de Moraes, criando-se a situação insólita de uma palavra com duas grafias. Resta dizer que a Prudente de Moraes, por ter cerca de dez travessas, possui aproximadamente 40 placas, enquanto a Vinícius (que só a cruza uma vez), tem apenas quatro placas.

Diligente, a prefeitura, ao perceber essa insensatez ortográfica, apressou-se em unificar as escritas. Alguém adivinha a solução encontrada? Pois é, como diria o poeta. Mudou as 40 placas do presidente para *Moraes* (com grave erro ao nome do homem), quando mais fácil e lógico seria trocar as outras quatro para *Morais*.

O curioso relato sobre a prefeitura do Rio de Janeiro está em *A Imprensa e o Caos na Ortografia*, do filólogo Marcos de Castro, que consulto frequentemente.

NÃO TENHO MEDO DE MIM

Quem se isola voluntariamente dos alaridos do mundo é definido com uma palavra pouco bonita: misantropo. É alguém com uma doença chamada misantropia, sem gosto pela vida social, um tanto melancólico, com uma pitada de tristeza, um quase tédio ao gênero humano.

Sua divisa poderia ser a frase que Machado de Assis se esqueceu de fazer: “Quanto mais conheço a espécie humana, mais gosto do meu cachorro”. O pior é que os outros (eles são o inferno!) se metem a interpretar esses indivíduos, chegando a resultados deploáveis, pois lhes dão qualidades e defeitos inexistentes. Eles querem apenas se isolar. E, convenhamos, não é querer muito.

“Pai, não quero ficar sozinha comigo” – disse, para espanto geral, a filhinha de um velho amigo. Criança diz cada uma! Eu sou o contrário daquela menininha. Não tenho medo de mim, me enfrento, vivo em paz com meus esqueletos, tiro-os do armário, dou-lhes uma espanada misericordiosa, com eles converso

(“Ora! – direis!...”) numa boa. Não sou dado a rapapés sociais, faltam-me (ai de mim!) talento e formosura para candidato a arroz de festa.

Às vezes me tranco com meus livros, discos, filmes e pensamentos, desligado o celular. E não sou único. Sei de outras gentes que preferem o silêncio ao barulho, o isolamento ao burburinho, o jazz ao arrocha, a conversa ao comício, a solidão à má companhia, a tevê desligada à novela.

O poeta português Herberto Helder é misantropo reconhecido, de carteirinha: não recebe ninguém, recusa honrarias (não foi receber o cobiçado Prêmio Pessoa), tem endereço pouco conhecido e quanto a dar entrevista, nem pensar. A família o defende da acusação de bicho do mato.

Alardeia que ele “não morde”, conversa bem e é dotado de bom humor, mas que não vê motivo para viver “em sociedade”. De um escritor só importa sua obra, ele diz. No Brasil, salientam-se como portadores desse distanciamento da humanidade os prosadores Dalton Trevisan, Rubem Fonseca e outros (parece-me que, entre eles, Raduan Nassar, aquele de *A Lavoura Arcaica*). Porém o caso mais notável é o de famoso cantor baiano.

João Gilberto, dizem, é dado ao isolamento. Tranca-se no quarto do hotel e ali passa dias distante do mundo, sem contato, sequer, com o garçom que lhe leva as refeições (dizem que a comida é colocada à porta e, mais tarde, o cantor a pega, sorrateiramente). Sua única companhia é o violão, que, todos sabem, não faz perguntas.

Reza o folclore que João teve um gato como companheiro de quarto, mas foi uma tragédia: o bichinho se suicidou, coitado, depois de ouvir o músico repetir o mesmo acorde durante três dias seguidos, madrugada adentro

No quarto dia, quando João sacou a viola, o gatinho tomou a decisão radicalíssima de praticar o tresloucado gesto, abandonando este vasto mundo sem porteira e o acorde irritante: atirou-se pela janela do oitavo andar, dissipando, no atacado, suas folclóricas sete vidas.

A quem interessar possa: não toco violão nem tenho gato.

SONETO GRAVADO A FOGO

Mesmo que os escritores tenham prestígio a anos-luz de distância dos cantores de pagode, axé, arrocha e outras doenças, a boa literatura está presente na vida brasileira, bem mais do que admite nossa vã filosofia. São muitas as frases que integram o imaginário nacional, muitas vezes citadas sem referência a origem e autoria. De memória, me vêm alguns exemplos dos mais comuns.

Com frequência, falando da língua portuguesa, alguém a chama de “última flor do Lácio” – sem pagar copirraite a Olavo Bilac; “A mão que afaga é a mesma que apedreja”, empregada à larga, é lembrança de Augusto dos Anjos; “Pálido de espanto” é expressão também de Bilac (pela qual tenho grande predileção); Ilhéus é chamada de “terras do sem fim” até por pessoas que nunca leram Jorge Amado.

Por preferência pessoal, tenho de citar “Vai-se a primeira pomba despertada”, verso emprestado de *As Pombas*, de Raimundo Correa. Diga-se que, segundo alguns biógrafos, o poeta maranhense detestava

este soneto, de tanto que o ouviu recitado (não para me gabar, informo que também recito *As Pombas*, em mim gravado a fogo pelo professor Pedro Lima, do I. M. E. de Ilhéus).

“Depois de um longo e tenebroso inverno” é verso de Luís Guimarães Jr. que já nos incomoda, de tão recidivante; e “De repente, não mais que de repente” pertence à lavra de Vinícius, muito lembrado, mas que perde feio para “que seja infinito enquanto dure”.

O popular “Mudaria o carnaval ou mudei eu?” é Machado de Assis, que também popularizou o círculo vicioso; Gabriel García Márquez teve seu título *Crônica de Uma Morte Anunciada* /1981 transformado em lugar-comum pela mídia pouco pensante, a ponto de não aguentarmos mais a expressão “tragédia anunciada”, apresentada como novidade.

Antigo ministro da Saúde (até tu, Tinhorão?), escolheu aproximar-se mais do título de GGM, ao comentar uma epidemia de dengue em Itabuna. “O que houve ali foi uma crônica da morte anunciada”, disse o lusitano. Em alguns veículos encontramos em tempo de dengue exacerbada, verdadeiras pérolas do gênero.

“De acordo com os representantes do Ministério Público, o problema que atinge na região (*sic*) foi uma tragédia anunciada”, diz um blog; “O que está acontecendo em Ilhéus é uma tragédia anunciada”, proclama outro.

De *O Globo*, sobre chuvas no Rio de Janeiro: “Essa tragédia por que passa o Rio foi muito anunciada”;

a *Veja* (outrora modelo de linguagem jornalística), na mesma época e trilha: “A situação do Rio é, nada menos, (*sic*) do que uma tragédia anunciada” e, adiante, empolada: “quando a tragédia anunciada enfim se impõe como realidade...”. O governador, para não ficar atrás, também definiu a enchente no Rio como uma “tragédia anunciada”.

Como se vê, nossa mídia tem mais tragédia do que a Grécia Antiga – e eu, sem pensar, me vali (três períodos acima) de uma expressão também clássica, numa paródia de “Até tu, Brutus!”, atribuída a Júlio César (ano de 44 a. C.) e popularizada no teatro de Shakespeare.

Aliás, o bardo inglês integra a lista das expressões “roubadas” à literatura: a sujeito apaixonado é comum chamar-se de Romeu, em referência ao protagonista da tragédia *Romeu e Julieta*. E mulher grosseira é dita “megera”, o que nos remete a *A Megera Domada*.

A JUSTA CRÍTICA DOS AMIGOS

Certo presidente da República, irritado com a mídia (como irritados com a mídia costumam ser todos os presidentes da República), aproveitou o momento para fazer uma frase. Disse que jornalistas são pessoas tão irritantes que se arvoram em defensores da sociedade, sem que a sociedade lhes tenha pedido isto (a citação é em essência, de memória).

Adonias Filho afirmou que estas terras sul-baianas descobertas por Cabral são grandes produtoras de escritores, além de cacau. Dele não duvido: se o cacau, com os preços manipulados pela Bolsa americana, anda mal das pernas, o mesmo não se dá com as letras. Continuam a nascer os escritores, ao menos se julgo pela quantidade de opiniões que me solicitam.

Talvez tenhamos nós, os jornalistas, vocação para aquilo que antigamente se chamava arquiteto de obras feitas. Eu, então, me inscrevo na categoria, sem pejo algum, pois distribuo palpites a torto e a direito, sempre que me pedem. E dou também opiniões que ninguém pediu, aí de mim. É da profissão, me parece.

Se não construí obra literária densa, tenho na minha modesta produção de crônicas uma alentada quantidade de prefácios, notas, palestras para estudantes (pobres deles) – palpites, enfim. De orelhas, então, já perdi a conta das tantas cometidas, que foram em quantidade suficiente para fazer deste locutor que lhes fala um orelhista abalizado.

Do alto dessa experiência, dou uma sugestão (olha o palpiteiro aqui, de novo!) aos jovens escritores. Se eles sentem em si o borbulhar do gênio, mas, no fundo, estão em dúvida sobre a qualidade do seu trabalho (e por isso precisam de um prefácio que lhes abra o caminho), cuidem muito bem dessa parte.

É que há escritores “federais” (a expressão é de Drummond) dispostos a, montados em empáfia e desumanidade, recusar a apresentação de livro, se o autor é estreante. Dirão, num misto de franqueza e comiseração, que o texto ainda não está “maduro” (ou bobagem assemelhada), frustrando sonhos tão longamente sonhados.

Creio ter sido o escritor carioca Marques Rebelo (*A Estrela Sobe*) quem disse que “a única crítica que realmente interessa é a dos amigos”. Parece-me ótimo conselho a ser seguido na hora de escolher quem faz o prefácio do seu livro. Prefácio rima com generosidade.

PISANDO NA BOLA

Não usemos termos como estarrecedor, consternador ou algo desse nível dramático. Talvez, surpreendente. É isto: surpreendente e injusto é um comentário do professor Arnaldo Niskier, a respeito de Marcos Santarrita, no livro *100 Anos de Jorge Amado – História, Literatura e Cultura* (Editus-UESC/2013):

“Apesar de ter rejeitado a obra de Jorge Amado na adolescência, devido a seu passado comunista, o escritor Marcos Santarrita o considera o maior autor brasileiro...”, diz o ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, à pág. 24. Preocupa-me que, devido ao peso intelectual de quem assina esta afirmação, ela passe por verdadeira.

Não é. É ofensa à memória do escritor de Itajuípe. Quem conhece um pouco do romancista e sua obra sabe que isto nunca foi dito, e nunca seria. A frase, que condena o passado político de Jorge Amado, prega no autor de *A Solidão dos Homens* uma injusta pecha de anticomunista, além de apreciação negativa da escrita amadiana, igualmente infundada.

Ao contrário: Marcos afirmou que se descobriu escritor ao ler Jorge Amado e perceber que com pessoas “comuns” era possível fazer literatura. Antes de Jorge, Marcos achava que o romance era de capa e espada, nos salões burgueses, algo muito “francês” para o gosto do adolescente rebelde, leitor de gibis.

A história não nos deixa esquecer Afrânio Peixoto definindo a literatura como “o sorriso da sociedade”, para muitos um lance infeliz do escritor baiano. Se entendermos tal literatura como aquela dos saraus, Marcos Santarrita será visto como o anti-Afrânio Peixoto, nunca o anti-Jorge Amado.

Se acaso a gentil leitora duvida destas informações, leia *O Que Tinha de Ser*, trabalho autobiográfico publicado em 2000 pela Imago, com patrocínio da Fundação Cultural da Bahia.

Marcos nunca escondeu sua posição de esquerda (na verdade, a alardeava). Era entusiasta de Fidel Castro, da Revolução Cubana e da União Soviética – apesar de amigos que consideravam “romântica” sua posição.

Tornou público que, antes de conhecer a obra de Jorge Amado, só lia gibis – e com o autor de *Terras do Sem Fim* descobriu “como romance podia ser tão bom”. Passou, então, além de lê-los, a escrevê-los.

Na adolescência, cooperava com o jornal *O Paladino*. O dono do veículo era o único comunista de Itajuípe, Clodoaldo. O jornalzinho que queria mudar o mundo foi chamado de *O Paradigma*, no romance *Danação dos Justos* (1977).

Sem se valer do panfleto (ou do “romance proletário”), a literatura de Marcos Santarrita é *engagée*: condena as injustiças sociais e, em especial, a ditadura de 1964. Caso alguém disso duvide, saiba que *Danação...* foi inspirado na vida do revolucionário carioca Carlos Lamarca.

O educador Arnaldo Niskier (que não será molestado, pois não há de ler este texto de cronista da província) ouviu mal. E, decididamente, por ouvir mal, pisou na bola.

QUEDA PARA PIEGUICES RIMADAS

Para efeito de trabalho (ninguém me chama para tomar sorvete de coco!), pedem-me um currículo com ênfase em atividades literárias. Tenho especial desamor à palavra “ênfase”, mas (*noblesse oblige*) respondo que publiquei pouco – graças ao bom Deus e ao déficit de talento, li mais do que escrevi – e, na adolescência (escândalo! escândalo!), preferi gibi a livro.

Se li meu Machado de Assis e meu Camões, também não descurei de *O Pavão Misterioso*, *Cancão de Fogo*, *A Chegada de Lampião no Inferno* e os amores descarrilhados de *Coco Verde e Melancia*. Especial atenção dei a estes “folhetos”, que constituem a literatura popular em versos, vendida nas feiras, cantada por violeiros, chamada de “cordel” pelos novidadeiros.

Em gibis, quase me fiz especialista. Por isso, às vezes deploro que os heróis de antigamente estejam tão mudados. Quase não reconheço o Super-Homem, com quem andei tantas aventuras, de Mandrake (O mágico) não tenho notícias, os grandes e muitos personagens de Walt Disney saíram das bancas e da

moda, ninguém mais dá notícia de *Pinduca* ou de *Os Sobrinhos do Capitão*.

Conhecíamos, eu e os grandes leitores desse gênero, não apenas os tipos, mas sua intimidade: o cachorro do Fantasma (“O espírito que anda”) era Capeto, sua noiva (não de Capeto, mas do Fantasma!) chamava-se Diana Palmer, uma funcionária da ONU.

Lothar, companheiro inseparável de Mandrake, era um príncipe africano, negro, imenso, que largou tudo para seguir o mágico. Fosse hoje, alguém iria sugerir haver um “clima” entre os dois, mas disso nunca desconfiamos. Mandrake, aliás, era noivo de uma princesa europeia chamada Narda.

Por falar nisso, o Super-Homem teve “trocado” o nome de sua (quase) namorada: nos meus tempos de menino, era Mirian Lane – um “abrasileiramento” de Lois Lane, nome do texto original, hoje recuperado.

Fechando o parêntese e voltando à literatura, digo que a rap de pé quebrado prefiro repente bem rimado. Mas cedo descobri que ouvir versos faz poetas, tanto quanto batina fabrica vigários: a constatação veio quando me aventurei num soneto dedicado à vizinha (quem nunca fez isto que me dê a pedrada inicial).

Meti-me em briga de foice contra papel, lápis, rimas e tinta, suei em bicas, pensei, penei, sofri, corri contra o tempo e cheguei atrasado: mal pingara o ponto final no primeiro quarteto de dispensáveis versos, tive notícia de que a pretendida já estava de vestido branco alugado e casório apalavrado com indivíduo promissor.

Sujeito vacinado contra livros e outras moléstias, com pés literalmente na terra (herdeiro de cacau na barcaça e boiada gorda no pasto), era o genro que a santa mãezinha da moça, de mãos postas, rogara a Santo Antônio, o casamenteiro. Restou-me uma ex-quase-futura namorada e – o que esperavam? – uma carga de ressentimento.

Da aventura infanto-juvenil me saí, tirante o sofrimento de meses, sem maiores sequelas, e de braço dado com dois efeitos, um bom, outro nem tanto, nove fora a insônia. Agastado, atirei ao lixo minha versalhada, um começo de mau soneto, decidido a deixar em paz as musas; depois, despeitado, cheio de dúvida e medo, meti-me a ler *Queda Que as Mulheres Têm Pelos Tolos*, que pensava ser de Machado de Assis.

A primeira atitude, confesso aliviado, livrou o mundo de mais um poetastro. Com a segunda, entrei em grave risco de ser transformado em detestável erudito. Mas pesquei do livro uma lição de grande valia, dando qualidade à minha vingança: “O homem de espírito é o menos hábil para escrever a uma mulher”. Conheceu, papuda? De alguma serventia me seja a literatura.

Assim, se me salvei da condenação dos amores desencontrados, o desencanto me deixou uma marca: de escrever pieguices rimadas ainda tenho recaídas. Mas o pudor, felizmente, me impede de levá-las ao tormento do público. E ainda tenho mais matéria de vingança ao parodiar Fernando Pessoa: todos os textos de amor são ridículos.

O TRABALHO COMO CASTIGO

Fulano vem de uma família trabalhadora”, ouve-se dizer às vezes em voz baixa, venenosamente, à mesa sombria de um café. É uma insinuação cruel, capaz de destruir reputações, pois sugere que o visado só há pouco tempo comprou o primeiro par de sapatos e que provavelmente descende de escravos.

(José Eduardo Agualusa, “in” *Nação Crioula*,
pág. 18 – Língua Geral/2011)

Adianto ao respeitável público, sem que ninguém me haja interrogado, que me sinto um sujeito intrinsecamente pobre de imaginação, desses que se divertem trabalhando. Tivesse eu algum apreço pelo exagero e os anglicanismos, me identificaria como *workaholic*.

Dizem que trabalho e diversão não se misturam, que isto é um desvio patológico, com o doente, isto é, o indivíduo usando o labor como refúgio do mundo. É boa forma de estar confortável, protegido, com sentimentos afogados – enfim, pouquíssimo entendo desse papo de psicólogo.

Minha intenção não é discutir doenças da cuca, mas especular sobre os motivos de tanta aversão ao trabalho. Círculos religiosos o explicam como castigo para “pecado” de longínquos ancestrais, e esse caminho, reconheço, tem lá seu encanto.

Basta lembrar daquela não bem explicada trapaalhada no Paraíso (homem chamado Adão, mulher chamada Eva e Cobra anônima): a divindade, que nesta parte do Livro não é muito chegada a perdoar, os condenou, sem direito a apelação: a mulher às dores do parto, a serpente à mudez (para nunca mais dar ideia de jerico à mulher) e o homem ao trabalho.

“Vais trabalhar, vagabundo!” – teria pensado o Senhor, mas decidiu dar elegância ao texto, ornou-o com os devidos eufemismos e chegou a “Comerás o pão com o suor do teu rosto”. Sentença bonita, mas merecedora de embargo, por ser dúbia: o crente pode ser levado a comer pão embebido em suor (eu prefiro com manteiga). Enfim, esta seria uma das origens da má fama do trabalho.

Há explicações mais eruditas: trabalho viria do latim antiquíssimo *tripalium*, um instrumento de tortura (três paus, formando uma estranha canga no pescoço do infeliz). Desse assustador *tripalium* nasceu o verbo *tripaliare* (pôr no *tripalium*) e em tal berçário macabro floresceu... trabalhar!

Portanto, trabalho e tortura têm a mesma origem suspeita. Mais tarde, com a escravidão (não ainda a nossa, mas a greco-romana), solidificou-se a ideia de

que o trabalho, de forma alguma, dignifica o homem, pois as pessoas verdadeiramente “dignas” viviam do trabalho alheio.

Em outro momento, está em *Fragmentos Setecentistas* (Companhia das Letras), da historiadora Sílvia Hunold Lara, que tenho à cabeceira (não a historiadora, mas o livro!), o efeito no Brasil foi semelhante: acabada a escravatura, restou o sentimento de que pegar no pesado não é negócio para gente socialmente “bem”.

Se no Brasil a escravidão manteve esse olhar europeu, no Sul da Bahia o coronelato do cacau o levou particularmente a sério, para cujos filhos, em geral, trabalhar era desonra. E, ao que me é dado observar, desonra ainda é, para grande parcela dos bem-nascidos.

OS ANJOS TAMBÉM AMAM

Anjos, os nossos olhos se entendiam. Decifrávamos segredos a sete chaves ocultos, em busca de aprendermos o prazer de voar. Os nossos lábios se ensinavam, com o ardor que o coração palpitava. Nossas mãos consagravam os corpos tenros, que se buscavam num voo cada vez mais alto.

(Aleilton Fonseca, “in”, em *O Desterro dos Mortos*, 3ª edição, pág. 39 – Via Litterarum Editora/2012)

A pergunta pode parecer ociosa, mas não é (as aparências, às vezes, enganam!): a gentil leitora alguma vez perdeu uma palavra? Claro que senhoras descuidadas perdem brincos, bolsas, documentos, talão de cheques, além de peças íntimas de vestuário e (ai meu Deus!) o caminho de casa. Mas, palavras?

Pois saibam quantos e quantas (é assim que falam agora) destas linhas tomarem conhecimento que quem escreve perde e procura palavras. E, pior, não pode valer-se das seções de achados e perdidos para localizar a desaparecida: “Perdeu-se uma palavra azul-turquesa, vestida de minissaia e blusa, com 135 anos de uso, mas ainda em bom estado...” – não

pode. Há de buscar-se a fujona nos escaninhos da memória.

Dia desses, perdi “contrafação” e, por mais que andasse à roda, em feitio de barata tonta, não a localizei. Aqui, pouco importa o significado, importa é, digamos, a perda. Consultar o dicionário seria equivalente a procurar numa grande cidade uma pessoa que você não conhece nem sabe o nome. Puxar pela memória não resolve, pois ela já provou não ser confiável.

Da minha experiência de escrever todos os dias e todos os dias perder palavras, nasceu um truque infalível: esqueça. Como, minha senhora? A memória já vasqueira e eu receitando mais esquecimento? Pois é, minha amiga: faça-se de tola, diga pra si mesma que não precisa daquela palavra e, quando menos esperar, ela ressurgir, desconfiada feito cachorro que quebrou o jarro.

Sofro, aliás, de grande vocação para perder objetos e pessoas. Algumas vezes (ai de mim!) me perco a mim mesmo. Em tempos que longe vão, perdi uma vizinha, em Buerarema – ela na flor dos 13, eu aos 14 anos – e chorei, solitário e discreto, durante muito tempo.

Confesso que, por muitas noites, lamentei essa perda irracional.

Anos depois, encontramos-nos na feira, quando percebi que a natureza não nos tinha sido generosa: quase nos confundindo com o ambiente, parecíamos pera e maçã, não mais as frutas que tanta inquietação nos causaram.

Restou-me a lembrança de quando frequentávamos a missa, ela por devoção, eu por interesse, que Deus me desculpe. Éramos anjos e não sabíamos.

Tentativa de voltar ao passado não foi feita (cristal quebrado jamais se emenda), também não houve choro convulso, apenas suspiros discretos, enigmáticos, quase misteriosos. Eram mais atestado de desencanto do que evocativos de infinitas tristezas de corações outrora ingênuos e românticos.

À gentil leitora, se conselho gratuito posso oferecer, digo que, em havendo escolha, perca as palavras, não os grandes amores, infantis ou maduros: aquelas sempre podem ser substituídas; os amores, se voltam, vêm deformados, com marcas da vida que não vivemos, cicatrizes que a ausência lhes imprimiu.

E, por fim, diante dos malefícios da existência (“a vida não é brincadeira”, dizia Vinícius), nunca resista à esperança: mantenha a sua a qualquer custo – mesmo que, ao redor, como receita aquele poema antigo, todos já a tenham perdido e ponham a culpa em você.

Daquela quase infância, amarrada por um fio de esperança, guardo da missa apenas a estranha sensação de que os anjos também amam.

O TINHOSO CHUPANDO CANA

“Ela não caiu no gosto dos baianos”, vocifera um deputado federal da Boa Terra, ao referir-se à presidenta da República. Convenhamos que atacar a língua portuguesa não é o defeito mais grave dos nossos parlamentares. Mas é certo que “cair no gosto”, solecismo também utilizado exaustivamente na mídia ignara, é chute na canela, sem bola. Lance pra cartão vermelho.

A antiga e legítima expressão cair no goto é conhecida de todos os que já leram algum livro – nem que tenha sido na escola, sob o ferrão daquela injustiçada professora de literatura. Desconhecer tal expressão é injustificável para os cultores da dita última flor do Lácio.

Cair no goto é frase feita. Mas daquelas que, ao contrário de provérbios e lugares-comuns que incomodam nossos ouvidos, valorizam o texto. Escritores as empregam com frequência, pois elas revigoram a tradição da boa linguagem, dando elegância e sabor originais à escrita.

Há um quê de arcaísmo nessa expressão, não há dúvida – e muitos linguistas aprovam a modernosa cair no gosto. Mas uma coisa é adotar essa mudança, outra é condenar a forma anterior (conforme temos visto), o que atesta ignorância da língua literária.

Essa “tradução” de goto por gosto nasceu do desleixo, da desatenção. Amamentada pelos redatores desinformados e, a julgar pelo que ouvi, agora encampada também pelo parlamento brasileiro, firma-se.

A propósito, li recentemente num blog que “Invictus não caiu no goto dos críticos de cinema, que o classificam como uma obra menor de Eastwood”, e festejo. Nem tudo está perdido, parece.

Desdenhar cair no goto é rematada ignorância. A expressão (com o significado de algo que agradou às pessoas) é recorrente na linguagem culta. “O romance caiu no goto do público”, diz o Aurélio. Hélio Pólvora, Machado de Assis e muitos outros usaram cair no goto. Nunca, jamais, cair no gosto, que não tem abono de nenhum grande escritor, enquanto seria enfadonho apontar abonações para a expressão clássica.

Mas vá lá Mário Palmério, no cultuado *Vila dos Confins* (com reedição em 2003): “Prova provada é o Domingos, o tal rapaz novo e disposto que caiu logo no goto do Pe. Sommer”. E não resisto a outra referência, que capta o sentido mais “original” da expressão.

O folclorista alagoano Altimar Pimentel (1936-2007) conta que o Diabo vinha pela estrada, sedento, cansado e mal humorado, quando viu um canavial.

“Entra como se ali fosse sua casa, quebra uma cana e começa a chupá-la com tal sofreguidão que o caldo, azedo, caiu-lhe no goito e abrasou-lhe as goelas”. Era “o cão chupando cana”.

Vingancista contumaz, o Tinhoso atirou sobre aquelas plantas inocentes (e pelas suas gerações *ad aeternum*) uma maldição: “De vocês o homem há de tirar uma bebida tão ardente como as caldeiras do inferno”.

Tal bebida, quente feito o braseiro de Lúcifer, é a cachaça, outrora chamada, não sem motivo, água ardente, que virou aguardente (um dos cerca de 400 nomes pelos quais a bebida é conhecida, segundo o pesquisador Mário Souto Maior).

É a cachaça, bebida que, pura ou em forma de batida ou infusão, caiu no goito de brasileiros e estrangeiros, como um dos símbolos nacionais. Pode-se dizer que o Capeta deu uma dentro.

O INCINERADOR DE NAVIOS

Lembro a canção *Eu te amo* (Tom Jobim-Chico Buarque), de versos deliciosamente sensuais, diferente de artistas que trabalham sobre uma vertente musical grosseira, em moda:

Se nós nas travessuras das noites eternas
já confundimos tanto as nossas pernas
diz com que pernas eu devo seguir...

Mais adiante, o grande poeta não deixa cair a peteca, mantendo a mesma qualidade, o mesmo clima romântico, agora ainda mais sugerido, subentendido:

Na desordem do armário embutido
meu paletó enlaça teu vestido
e o meu sapato ainda pisa no teu.

Penso ser esta uma das melhores letras românticas da MPB. Muitas vezes analisada, ganhou rasgados elogios, mas um exegeta, pelo menos, tentou azedar o tom (ai!) dos louvores: diz que se trata de um plágio de poema de Gregório de Matos. Nesse angu não hei

de meter minha modesta colher de ouvinte, pois meu interesse na letra é outro. Deixo o tema para os especialistas em Boca do Inferno.

O trecho em que me foco, útil para se falar sobre a mitologia em nossa linguagem é

Ah, se ao te conhecer
dei para sonhar,
fiz tantos desvarios,
rompi com o mundo,
queimei meus navios...

Queimar os navios, significando uma decisão sem volta, remonta ao século IV a. C., com um certo general Agátocles (que nome!), tido como modelo histórico de crueldade, mau feito um pica-pau, que mandou degolar os próprios filhos!

Pois esse amoroso Agátocles levou seu exército de navio até Cartago e lá fez uma fogueira com as embarcações. Sem poder voltar, os soldados sabiam que o preço do fracasso era a morte. Se venceram ou morreram, não sei.

Mais próximo a nós (México, século XVI), houve um episódio parecido, quando o espanhol Fernão Cortez queimou os navios. Embora haja versões afirmando que o espanhol foi outro, Pizarro, pesquisadores confiáveis as desmentem.

E tampouco Cortez queimou as embarcações, a não ser figuradamente: ele as destruiu, ao sentir que seus soldados tinham medo de embrenhar-se em território estranho. O resultado é o mesmo: sem transporte

para casa, eles partiram para a jugular dos nativos. No México, no Peru e em Ilhéus (Francisco Romero), os espanhóis não brincaram de matar índios, mataram.

Assim, graças à genialidade de Chico Buarque, a expressão antiga, que sabe a guerras, sangue e morte, ganha contornos bem atuais e líricos. E a gentil leitora, se mal pergunto, já teria queimado os navios por alguém?

Mesmo que a mim não me tenham interrogado, permitam-me confessar, ainda que um tantinho constrangido: já incinerei frotas inteiras e muitas. E as guerras, ainda assim, foram perdidas.

MULHER FATAL CANTANDO À BEIRA DO MAR

Sereia (aquele tipo metade gente, metade peixe, com grande carga de sensualidade) não existe, mesmo assim canta e encanta. Isto ocorre por efeito da mitologia grega presente no nosso linguajar.

Bonitas e sensuais, dotadas de olhar e voz envolvente (ao estilo *femme fatale* do cinema *noir*), elas se postavam nos rochedos do mar, à beira da rota dos navegantes, e, cantando, os esperavam. Ouvir seu canto era certeza de encantamento e morte.

Enlevados e abestalhados estando, os marujos seriam comidos com coentro (depois que as embarcações se despedaçassem contra os rochedos), pois outro não era o objetivo dessa encenação que não fosse atrair os parvos. Pelo menos é assim que diz Homero, poeta grego antiquíssimo, proprietário de grande credibilidade.

Relata a *Odisseia* que Ulisses (também dito Odisseu), prevenido pela deusa Circe, evitou que sua tripulação entrasse na dieta das “monstrinhas”, virando almoço (ou jantar, a depender da hora e do apetite delas).

Ele tapou com cera os ouvidos dos marinheiros e, já com a turma ensurdecida, se fez amarrar ao mastro do navio, impedindo-se de ouvir (e seguir) as vozes. Funcionou: as sereias capricharam no canto (provavelmente com um arranjo novo para harpa e vozes), depois foram atacadas pelo nervosismo, se esgoelaram a mais não poder, rebolaram, desafinaram, esfernearam, xingaram... e Ulisses não foi tocado por esse esforço.

Na verdade, o herói bem que tentou convencer seus marinheiros (suponho que por gestos, pois eles estavam de oíças tamponadas!) de soltá-lo, para que ele fosse “às meninas”, mas os homens, seguindo a instrução que receberam dele antes, recusaram as ordens (o que me parece fácil, se estavam surdos!). Ulisses só foi solto quando se encontravam a distância segura.

Conta Homero que as sereias, ofendidas com o “desprezo”, atiraram-se ao mar e se afogaram. Mas a expressão canto de sereia ficou – significando algo aparentemente bom que nos é oferecido, mas que não passa de veneno disfarçado em ambrosia.

Área onde abundavam as sereias, a Ilha de Capri é hoje um local turístico de extraordinária beleza e preço em altura que cronistas de província não têm como alcançar. Há outra história, que faz a de Ulisses parecer miuçalha.

Era ali em Capri que o imperador Tibério César (47 a.C.-35 d.C.) desfrutava de suas concubinas, usando uma regra muito, digamos assim, dura: as mulheres

que não o agradavam eram jogadas ao mar, lá de cima do rochedo, onde fica o palácio, sem dó nem piedade.

Voltando à terra: quantos de nós não já fomos, de alguma forma, submetidos ao teste do canto de sereia? Os jovens são confrontados com a “música” da criminalidade (ou da “esperteza”, que é um tipo de crime), políticos cantam desafinado para cooptar jornalistas, candidatos solfejam, em imitação de bichos marinhos, no ouvido do eleitor.

Sem cordas nem cera, só resta ao homem moderno, para resistir ao canto dos monstros, os princípios de educação, ética, moral e cidadania. Que, lastimavelmente, parecem em extinção, antigos feito um texto de Homero.

UM JORRO DE LÁGRIMAS

Acordei cedo, como de hábito, e, ao batalhar um cafezinho na pousada ainda meio adormecida, me deparei, diante da tevê da recepção, com um sujeito em profunda tristeza, à beira de esvair-se em prantos.

– João Paulo morreu – ele disse-me assim, em tamanho estado de consternação que eu logo inferi ser o morto um membro muito querido de sua família.

Era-me difícil ser solidário, pois não fazia a menor ideia de quem fosse o ilustre defunto. Mesmo assim, num esforço tremendo, monologuei, com o ar mais hipocritamente compungido que me foi possível:

– Não me diga!

Era 1977, no Jorro, onde a terra verte água quente de seus lençóis, para alegria dos turistas. Pois saibam, caros leitores, que a frasezinha irresponsável teve o condão de abrir as comportas de um dique de lágrimas – e eu ali, cada vez mais atônito. Os olhos do sujeito, que estavam avermelhados, tornaram-se “rasos d’água” (esta expressão sublitéria vem a calhar, me parece), o pranto rolou em esguichos e

borbotões, tão injusta e irreparável era a perda desse João Paulo.

Logo me culpei. Descuidado, não avaliei que um inoportuno “Não me diga!”, emitido na falta absoluta de algo útil a falar, fosse capaz de desencadear tanta emoção num homem adulto, de barba na cara (mal feita, aliás, me permiti observar).

Enquanto o sujeito fungava, eu tinha um olho na tevê, em busca de pista que me tirasse de tão incômoda posição. Pelo bendito noticiário fiquei sabendo que o defunto fresco (com todo respeito!) era a outra metade da dupla “sertaneja” João Paulo e Daniel. E eu, com essa capa de ignorância com que o bom Deus me protege de determinados produtos “artísticos”, jamais ouvira contar de tais parceiros.

Àquela altura, enquanto eu amalhava alguma informação pertinente à tragédia, o homem pareceu recuperar um pouco da compostura perdida. Enxugou os olhos nas mangas da camisa, soltou um gutural “Deus sabe o que faz”, deu-me as costas e foi às águas quentes da praça. Jamais lhe pus os olhos em cima outra vez, creio que felizmente.

Enquanto bebericava meu café, pensava em como é patético o ser humano, e pouco antevia das surpresas da vida: João Paulo morreria, o volúvel mercado “breganejo” continuaria firme e ainda faria disparar a carreira de Daniel, o grande e involuntário beneficiado da morte.

Pior foi ter sido, quieto em meu canto, e até com arrogância, testemunha do sofrimento daquele fã.

Penso que deveria ter sido mais solidário, quem sabe lhe oferecendo, para que pranteasse mais confortavelmente seu artista querido, meu ombro...

O que digo? Não exageremos: um lenço já seria suficiente.

FAZER OS DEVERES É DEVER DE TODOS

Não sou versado em gramática, nenhum gramático (variante que identifica gramático mal-humorado), o pior dos tipos. Chego ao supremo exagero de, apesar dos políticos que nos cercam, manter segura distância do mau humor nas diversas situações da vida. Mas já me irrita um pouco a confusão que a mídia faz com dever e deveres.

Para não ser processado por calúnia, difamação e injúria, procedimento em moda contra jornalistas, cerco-me de cuidados, quase pondo o carro à frente dos bois: apresento o crime e, de pronto, mostro (com a ajuda do Google, é claro) as provas de que ele vem sendo reiteradamente cometido. Então, vamos lá, como disse aquele prefeito, antes de meter as mãos no cofre municipal.

A todos se cobra “o dever de casa”. “E o dever de casa? Os candidatos estão preparados para fazer?” – questiona um preocupado analista político. Prestigiado blog de Ilhéus sai-se com esta: “...acusou o secretário de não fazer o dever de casa...”

O bispo diocesano de Itabuna, gente insuspeita, também foi chamado a dançar esse samba do crioulo doido: “Para ele (o bispo) os governos federal, estadual e municipal deveriam fazer o dever de casa...” – reporta famoso blog. E aqui persistem dúvidas sobre se a expressão é do prelado ou do redator (que, na segunda hipótese, teria feito o religioso entrar nesta fria quase como Pilatos no Credo).

Em importante jornal de Itabuna, uma declaração da presidenta da Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania: “É uma sensação de dever cumprido...”

Para início de conversa, o texto da presidenta, simples, horizontal, está correto, os outros, não. Se Joãozinho, aquele, disser à professora (atualmente eles a chamam “Tia”!) que não fez o dever de matemática, ele será candidato à recuperação também em português, por negligência com as duas disciplinas.

Recomenda-se dizer “não fiz os deveres” (melhor ainda seria “fiz os deveres!”), pois essas obrigações que as escolas (quando não estão em greve) mandam cumprir em casa chamam-se “deveres” – assim, no plural. Regrinha simples, que todo jornalista conhece (mas nem sempre usa): dever não se faz; cumpre-se. Querem um trocadilho bobo? Então, vá: o bom aluno cumpre o dever de fazer os deveres.

Às vezes, tais confusões nascem com os sinônimos, pois a palavra “substituta” nem sempre tem o mesmo comportamento. Por exemplo, começar e iniciar. “Aulas de pós-graduação iniciam no polo de Itabuna”, informa uma empresa de cursos a distância (CAD). Isto

não é bom (mais ainda quando vem de uma escola). Melhor seria “Aulas de pós-graduação começam...”.

É que o verbo iniciar, neste caso (segundo a velha e esquecida gramática), é pronominal: “As aulas iniciam-se...” No caso de dever/deveres parece haver uma contaminação pelo sinônimo “lição”. Fazer a lição de casa é língua portuguesa; fazer o dever, não é. Que os prefeitos, vereadores e que tais façam os deveres de casa, em benefício de nós todos. De resto, é o dever deles.

MUITO CUIDADO COM O POVO

A antiga Roma, com sua evocação de Júlio César, Pompeu, Brutus, Catilina, Nero, Augusto, Calígula, Tibério, Marco Antônio (além de outros apelos impúblicáveis), é uma atração permanente. Se para falar de muitos dos citados é recomendável retirar as crianças da sala, um deles, pelo menos, é figura venerada pela humanidade: Cícero.

Os que bebem na história “oficial” sabem que Marco Túlio Cícero, além de orador extraordinário, coleciona títulos como cidadão romano: compassivo e culto, honrado e desprendido, dotado de princípios de dever, bondade e espírito público, refinado e amável, um dos filhos mais diletos de Roma, uma das mais preciosas joias do Império, homem que se recusou a viver numa tirania, e outros.

Mas se tais historiadores o põem a poucos degraus da santificação, há os revisionistas (que opõem Cícero a Júlio César) e querem pôr abaixo esse festival de louvações. Para eles, trata-se de um equívoco que se perpetuou.

Entre americanos e britânicos, “os ciceronianos são 95% e os cesarianos são um punhado”, diz o historiador Arthur Khan, integrante do punhado. Esses estudiosos não alinhados atribuem a Cícero uma atividade de caça às bruxas (pessoas que “ameaçavam” a aristocracia). Era um “pena alugada”, como se diria mais tarde.

Encontro entre os cesarianos o alemão Friedrich Engels (alma gêmea de Marx), que chamou Cícero de “o patife mais desprezível da história”. Vindo de baixo, sem a dita nobreza de origem, o orador romano é acusado de pôr sua eloquência a serviço dos poderosos. E enriqueceu no combate a qualquer ideia de democracia, sendo adepto da tese de que “só os ricos devem governar”.

Combateu o voto secreto, pois este impedia os ricos de saber o que a plebe pensava. Para ele, diz o cientista político Michael Parenti, o povo era “rasteiro e imprestável, manada pronta para a revolução, bando de criminosos e degenerados”. Essa gentalha, dizia, “participa de manifestações de massa e suga o tesouro”. Com o povo, parece entender Cícero, todo cuidado é pouco.

Reacionário e oportunista, disputou o consulado com Catilina (lembram das *Catilinárias*?) e usou este para capitalizar o medo dos ricos, método político ainda vigente hoje entre nós. Cônsul, mandou executar “conspiradores” ligados a Catilina, sem julgamento.

Cícero, nos lembra Parenti, foi vítima de seu próprio método: anos depois de mandar matar os “conspiradores”, foi executado (também sem julgamento), por ordem de Marco Antônio.

NA SOLIDÃO DOS AUTÓGRAFOS

Espero que minhas gentis leitoras (e leitores!) jamais tenham vivido a experiência de uma tarde de autógrafos, do lado de quem assina o livro. O que digo? Não tarde, mas noite, pois já não se autografa à luz do sol, que esta é usada para atividades menos “poéticas”, como o ganho honesto do pão diário.

O fim das tardes de autógrafos solidifica a ideia já antiga de que essas filigranas intelectuais são coisas de gente desocupada. Aliás, torna-se oportuno lembrar que o pai do poeta Telmo Padilha costumava dizer ao autor de *Anjo Apunhalado* que literatura não é ocupação séria, melhor seria “trabalhar”. Acordemos, então, que são noites (e não tardes) de autógrafos. E que mais parecem noites de torturas.

Um autografador (penso que o termo foi inventado agora, que os puristas não me processem por esta irresponsabilidade) é um ser absolutamente solitário em meio à festa do lançamento, sentado à mesa, constrangido com a fila que se faz à sua frente (quando fila há). Esse pobre indivíduo tem, via de

regra, um sorriso descorado dirigido a cada possível (futuro) leitor.

Aqueles, os leitores, parecem guardar entre eles uma característica que os identifica: são torturadores, mesmo com métodos diferentes. Uns brincam com o autor, evitando dizer o nome, ou levá-lo escrito num papelzinho, o que é a prática mais comum. “Ele me conhece demais!” – dizem à pessoa encarregada de fazer esta anotação importante, e a convencem de que são mesmo velhos amigos do sofrido autor.

E são. O problema é que o escriba, molhado de suor frio, disso já não tem mais notícia, tão apavorado se sente, a ponto de olhar antigos companheiros fazendo aquela cara de que “eu conheço esse rapaz de algum lugar” – mas o nome, que é bom, quede?

Conta-se que Einstein (aquele mesmo!) estava numa tarde de autógrafos, quando chegou a vez, na fila, de uma simpática mocinha, com o livro para ser autografado. O cientista a reconheceu (de alguma forma), coçou a cabeleira, mas não conseguiu dali tirar o nome daquela pessoa, que lhe parecia muito familiar.

Envergonhado, absolutamente sem graça, lhe diz: “Desculpe. Não me lembro do seu nome...” E ela, sorrindo, para reduzir o constrangimento do cientista: “Bobagem, papai. Escreva apenas ‘para minha filha...’”.

O pai da Teoria da Relatividade, com sua folclórica “desmemória”, sintetizava o padecimento de todos nós, os autografadores de livros. Era nosso patrono – e não sabia.

O CHEIRO E O TOC-TOC

À *Sombra dos Laranjais*, último romance de Marcos Santarrita (1941-2011), ainda inédito, teve como título provisório *Cheiro Bom de Mulher*, o que me remeteu, já não digo a uma pesquisa, mas à rápida reflexão sobre o tema: se existe um cheiro típico de mulher e que importância tem esse cheiro foram as motivações deste “pesquisador”.

Não, não saí por aí a farejar louras, morenas, negras, índias, ruivas, mulatas e demais cores desse fantástico arco-íris feminino, que cheira a rosa, hortências, dália, margarida e jasmim. Quem me dera!

Apenas me vali de observações de terceiros e da minha própria memória olfativa (ai, meu Deus!), que está mais viva do que imaginava minha vã e pessimista filosofia. Ia dizer que pus mãos à obra, mas acho que correria o risco de ser mal entendido.

Gostaria de ser especialista na matéria (e quem não gostaria de sê-lo? – diria Jânio Quadros), mas estou longe disso, sendo apenas um esforçado amador (*ops!*). Mesmo assim, digo e provo que mulher possui

cheiro exclusivo, capaz de ser percebido, mesmo que estejamos de olhos fechados.

E é um cheiro tão único, tão particular quanto uma impressão digital: Joana cheira diferente de Maria, que não exala o mesmo perfume de Francisca, enquanto esta tem pouco a ver com Madalena... mas todas cheiram muito bem, graças a Deus! Cheiro de mulher não se descreve. Talvez seja uma mistura de perfume propriamente dito com sabonete, creme para a pele, xampu, esmalte de unha, batom e demais ingredientes que vocês imaginem – além, é claro, de uma pitada de pessoal “veneno”.

E, se me permite a distinta leitora descer a detalhes, digo também que a parte feminina mais olorosa é o pescoço, e provo, ao lembrar dos tantos pescoços que vejo cheirados em público. Há dias, particularmente nos fins de semana na praia, em que tenho a impressão de estar em meio a verdadeiro festival de cheirar pescoços, tal é a corrida que vejo em direção a essa parte do corpo feminino.

E há pesquisa científica sobre o assunto: alguém um pouquinho mais desocupado do que eu procurou saber o que nas mulheres mais atrai os homens (a pesquisa não permitia palavrões!): o cheiro ficou na ponta da tabela. E foram registradas novidades que, pobre de mim na minha ignorância, me assustaram, pois muitas respostas saíram do campo do fetiche e tangenciaram o perigoso território da tara.

Soube de sujeito vidrado em biquíni, uns se sentem atraídos por mulher burrinha, outros preferem o

tipo “cabeça”, houve um cara que destacou “a capacidade de chorar”, outro se disse “fissurado em mulher que sabe... ouvir!” e por aí vai – que infinito é o leque de preferências.

Se acaso o pesquisador de tais amenidades se des-se ao trabalho de me entrevistar (nunca me ouvem quando o assunto é deveras importante!), eu apontaria nas mulheres não um atrativo, mas dois: além do cheiro bom, o sapato alto.

E pouco se me dá perceber primeiro o odor sugestivo ou o toc-toc insinuante – para o caso, a ordem dos fatores nada tem a ver com o resultado.

Bem sei que os ortopedistas se preocupam com esse bendito hábito de muitas mulheres, pelo dano que pode provocar à coluna vertebral. Mas, que me perdoe a ciência médica, coluna vertebral não é, exatamente, a parte do corpo feminino que o toc-toc do sapato de salto alto me faz lembrar.

BOM O HOMEM, MÁ A VIDA

Fosse eu tomado de amores pela cópia, diria que aquele homem tinha 46 anos de idade, e não fazia nada de especial: nem manteiga, nem sapatos, nem versos – mas era perito tanto em pregar quanto em praticar a ética. E por que não digo isto? Porque o atento leitor já percebeu que a descrição não é minha, mas de Sinclair Lewis, que a empregou para nos apresentar o personagem-título de *Babbitt*.

Pois bem. Dizia esse amigo (pobre como Jó e eu) ser fácil enriquecer. “Basta abrir mão de alguns princípios”. Ensinava uma lição que nunca praticou.

Lembro desse amigo perdido nas brumas do tempo, ao ver um morador da rua próxima à minha, que quase todas as noites passa com um fardo de papelão na cabeça, caminho de casa. Estranhei, a princípio, depois me habituei.

Aquela carga insólita, eu soube depois, é o fruto do seu trabalho diário: cata nas lojas, supermercados, montes de lixo e onde mais as haja, caixas desocupadas, que recolhe. Reunidas em bizarro pacote, as leva

a alguém, para vender na balança, sendo pago não a peso de ouro, é evidente, mas com míseros doze a quinze reais pelo pacote inteiro.

É um homem magro, idade indefinida, cabelos já meio grisalhos o denunciam como não muito jovem – talvez a má vida o tenha envelhecido antes da hora. Nada nele me chama a atenção, brasileiro comum, pobre e preto, a provocar interrogações, apenas.

Teria uma mulher à porta do barraco nesses fins de jornada, a inquiri-lo sobre a produção do dia? Será que ela sabe quão raro é esse homem simples que cata papelão, quando poderia roubar bancos, traficar drogas, ser político desonesto ou diretor de empreiteira – rendosas profissões? Tomara que sim, e que ela possa premiá-lo com seu carinho exclusivo, em recompensa pelo trabalho nem sempre rendoso.

Talvez, após o jantar frugal, ele veja a novela das nove, fugindo à sua realidade de homem excluído da riqueza. Ou não. Saberia quanto ganha um deputado, um senador, um ministro do Supremo, e pensaria, com a ideologia calhorda que lhe foi inculcada, que é “natural” a divisão entre pobres e ricos? Nada sei desse homem, a não ser que ele é um trabalhador discreto e honesto.

Concluo tratar-se de sujeito bom, de princípios, sejam oriundos de pais severos, de religiosidade ou de aprendizado doído na escola da vida. Não fosse assim, ele faria como fazem contemporâneos seus bem mais “espertos”: traficam drogas, assaltam, roubam, furtam e matam, num jogo em que a aposta é não ser descoberto.

Essa busca do poder e do dinheiro por qualquer meio consolida o pensamento do meu amigo: esses valores estão no mundo e o acesso a eles não é difícil, basta renunciar a algumas amarras morais. E nas diversas rodas da malandragem, habitadas por indivíduos bem-sucedidos, não é raro encontrar quem a elas haja renunciado.

Imagino que esse meu irmão, quem sabe habitante de um barraco miserável, poderia ser algum tipo de bandido, escancarado ou implícito – e morar num palácio. Mas ele escolheu outro caminho, não se sabe o motivo.

Na volta ao lar, no fim do expediente, passa por mim e, com a serenidade dos justos, me dá boa-noite. Isto não nos faz amigos, talvez nem conhecidos, pois parte do seu rosto é sombreado pela carga que carrega. Mas, embora não saiba, ele leva para casa meu respeito e minha solidariedade.

Muito gostaria de lhe dizer quanto o admiro, mas me falta ousadia. Na penumbra, às suas costas, mesmo sem crer, lhe dedico, triste e esperançoso, uma frase em voz baixa: “Que Deus o proteja”.

DESABAFO E DESATINO EM QUASE REPENTE

Há certos dias (vá lá, quase todos!) em que me sinto na contramão do mundo, e com a possibilidade de influenciar alguns leitores. Isto me deixa com uma espécie de complexo de culpa. Conforta saber que as crianças não me leem, daí não sofrerem interferências negativas em seu desenvolvimento socio-cultural.

Espero tais cuidados, pelo menos, das mães, que costumam ser mais protetoras, pois com os pais, todo mundo sabe, é difícil contar. Vejam, nessa mostra de desejos, que tenho motivos para preocupações.

Como alguém pode ler um autor que não assiste a novelas (sequer viu *Elas por Elas*), não tem discos do Chiclete, de Claudinha, nem de Ivete?

Minha preferência é Rosa, Guimarães ou Samuel, sem esquecer de Noel, ou Rosa de Pixinguinha, e Rosa minha madrinha, ou ainda Rosa Passos e também Rosa Maria, de Lupicínio um achado, em boa e velha canção: "Seu nome é Maria Rosa, seu sobrenome, Paixão".

Chico, Caetano, Caymmi – fiz uma aliteração? – e também Luís Gonzaga, eterno Rei do Baião, eu quero Cauby Peixoto, quero mais Elis Regina, chega de tanto mau gosto, que me agride em cada esquina.

Eu quero o som da Portela, Sarah Vaughan, Billie, Ella, jazz e samba de Cartola, quero Jackson do Pan-deiro, Gil, Paulinho da Viola. De Alcione, o vozeirão, de Jacó, o bandolim, pelo não e pelo sim, para botá-los nos trilhos sugeridos por meu estro, eu chamaria o maestro Antônio Carlos Jobim.

Eu quero xote e baião, Carlos Cachça e Candeia, Baden Powell ao violão, Clementina (“Não vadeia!”), show de Zeca Pagodinho, Marcelo Ganem, Toquinho, quero livro de Aleilton (rima difícil!) Fonseca, me valho de *Terra Seca*, que é música de Ari Barroso, quero Elizete Cardoso, boa poesia e prosa, letras de Orestes Barbosa, samba-enredo da Mangueira, versos de Manuel Bandeira, prosa de Guimarães Rosa.

Quero Nelson Cavaquinho, com o sorriso no caminho, para eu passar com a dor, lembrando ainda outro Nelson, o que canta “Normalista”, e quase encerrei a lista, mas vou deixá-la em aberto, pois só agora desperto: eu não citei o maior, e o maior é João Gilberto.

Já que está aberta a trilha, invoco Telmo Padilha, o breque de Morengueira, haicais de Abel Pereira, Cyro de Mattos em festa, com *Canto a Nossa Senhora*, prece em favor da floresta, da nossa fauna e da flora.

Quero a Piaf de outrora, novela (não de tevê!!!) mas *Os Galos da Aurora* (de rimar o autor eu fujo –

só se fosse *Hélio Polvóra!*), me tragam Jorge Araujo e nada lhes peço mais, com uma só exceção: é Vinícius de Moraes, a quem chamo... “poetão”.

E eu quase me esquecia, num ato de desatino, da poesia de Ceres e Daniela Galdino.

EM BUSCA DE OUVIDOS PERDIDOS

Dentre as explicações para o escrever (diversos escritores famosos já se pronunciaram sobre este perigoso esporte), me sinto identificado com o mineiro Lúcio Cardoso (1912-1968): “Escrevo para que me escutem – quem? Um ouvido anônimo e amigo perdido na distância do tempo e das idades. Para que me escutem se morrer agora”.

Acrescenta o autor de *Crônica da Casa Assassinated*: “E também escrevo porque me sinto sozinho”.

Falto em talento de ficcionista, sou apenas jornalista de planície e batente (além de eventual escrevedor de amenidades), com mais tempo de trabalho do que a sensatez recomenda. Mas às vezes sinto que dentro de mim mora um foga adolescente – daqueles que, tomados pela insolência comum à nossa profissão, fazem cada texto como se suas palavras fossem transformar o mundo.

Então, é isto: escrevo para mudar a realidade, não apenas para que me saibam vivo. Gosto de pensar que o jornalismo é um serviço ao público, uma forma de

acordar mentes, provocar pensamentos, motivar as pessoas a reagir às variadas modalidades de desprezo e agressão que nos cercam. E, eventualmente, pagar o supermercado.

Em dia de baixo nível de modéstia imagino que, vez por outra, atinjo aquele leitor solitário e pequeno diante dos malefícios da vida, mas que não se entrega e, em tocante tributo, debruça-se sobre meu pobre texto e reconhece: “É isto que eu queria dizer”.

Desconheço se, seguindo a receita de Manuel Bandeira, escrevo como quem morre. Ou copie o modelo de Jorge Medauar (“resposta” a Bandeira), de escrever como quem vive. Talvez escreva como quem chora perdidas ilusões.

E, quem sabe, talvez esteja minha pobre escrita já outonal à mesma distância da vida e da morte, da esperança e do desencanto, do gozo, e do sofrimento, e da desesperança. Vivemos num tempo sem ética (e não me refiro só à ética dos governantes, mas à das pessoas “comuns”), num mundo desigual e injusto – e fico a cismar que o combate e a denúncia estejam entre os objetivos do jornal e do jornalista.

Pensando bem, acho que escrevo como quem sonha.

A PAIXÃO PELA MÁQUINA

Quem duvidou não duvide mais. O vasto mundo está fora de controle, rodando a todo vapor, movido a chips, blogs, ipods, ipads e itunes, bugs, edges, hosts, hyperlinks, firewalls e outros mistérios da modernidade. Tão desembestado anda este velho planeta que se faz difícil dizer se alguma notícia é, de fato, nova.

Enquanto a gente se arrisca a tal afirmação, um panacum de maluquices atualizadas está a caminho de sepultar, como superada, aquela que havíamos destacado. Mas, vá lá, corramos o risco. A última desse universo é a objetofilia, nome de uma paixão desenfreada que pessoas de juízo duvidoso desenvolvem pelas coisas.

Verdade, senhor e senhora, leitor e leitora, atônitos ambos, não pensem que invento histórias, mas saibam que as tiro do dia a dia insano que nos envolve. A mais recente e bizarra obsessão está no ar: gente se apaixonando por objetos.

Se antes a palavra era emprestada da expressão “objeto de desejo”, por exemplo, agora é usada em

sentido lato. E os psiquiatras, enquanto se esforçam para explicar essa sandice, já lhe encontraram um nome – objetofilia.

Suponho que o gajo que cai de amores, digamos, por uma máquina de lavar roupa, ou maluquice do gênero, seja um objetófilo (atenção, dicionaristas!), talvez sinônimo perfeito de doido varrido.

Eu, na tentativa de ser um rapaz da moda, tentei “ficar” com meu PC, mas foi só decepção, pois o desalmado me traiu. De propósito, fez com que uma pasta de fotos sumisse, sem deixar rastro, danificou um arquivo de texto, quase fez comigo aquilo que o prefeito faz com a cidade. Condenei-o ao ferro velho e adquirei um notebook potente (*ops!*), mas com jeito de assexuado, a quem já deixei claro: seremos apenas bons amigos.

A separação entre o homem e sua máquina (literalmente), quase sempre de decisão unilateral, às vezes é litigiosa. Conheço uma jovem que se perdeu de amores pelo seu aparelho ortodôntico – e não imaginava quantas complicações a esperavam.

No início, ele a incomodava muito. Não é que fizesse xixi na tampa da privada, largasse toalhas molhadas por aí, coçasse as partes em público ou dissesse palavrão, pois era um aparelho educado e discreto. Mas ela se sentia sufocada, com seu espaço invadido, queria voar com as próprias asas, sentia-se tolhida nas iniciativas. Com o tempo, acostumou-se, adaptou-se, deu a questão como resolvida. Na verdade, contraiu objetofilia crônica.

Sentindo-se livre do incômodo, a senhorita, adaptada àqueles ferrinhos, passou a considerá-los repou-santes, confortáveis e incrivelmente charmosos. O dentista desconfiou, pois terminado o tempo de uso do aparelho, a cliente não compareceu para retirá-lo.

Telefonou para a moça, ela desconversou; preocupado, voltou a ligar, ela veio, mas decidida a manter a engrenagem na boca – até que a morte (ou a ferrugem) os separe. O dentista não aceita essa união eterna – e o caso, tudo indica, vai aos tribunais. O aparelho, até agora, não se pronunciou.

D. QUIXOTE EM PIGALLE

Paris sens Pigalle n'est pas Paris,
Pigalle sens Paris n'est pas Pigalle.

(Autor desconhecido)

Ao cair a noite, encerradas as atividades que me levaram ao Salão do Livro de Paris, me refugiei no hotel. Quentinho, o quarto. Lá fora, a temperatura era perigosa, para um pobre nordestino: seis graus, mais um ventinho enjoado. Na minha terra, se os termômetros marcam menos de 25 centígrados, entramos todos em risco de um surto de pneumonia. Seis graus é véspera de catástrofe.

Pois algum gênio da organização desse encontro de escritores brasileiros (para o qual cometeram a temeridade de me convidar) marcara para o dia seguinte uma viagem Paris-Londres, com saída de madrugada. Parece que essa gente não gosta de mim.

Adiante-se que eu estava hospedado (não escolhi minha, mas dos organizadores) em pleno bairro de Pigalle, em Montmartre, com o Moulin Rouge à distância de um grito bem gritado. Se a gentil leitora

sabe que ali é o centro histórico da safadeza parisiense, pouco me resta a dizer.

Digo é que à mente me veio, ao olhar as lojas (que querem? os olhos nada perguntam, nada censuram), a velha expressão, lida não sei onde nem quando, mas atual: *Paris sens Pigalle n'est pas Paris...* Em cada esquina um *sex shop*, um cinema pornô e outras sugestões para a prática da pouca vergonha que nos vem desde os tempos de Adão e Eva.

Centro também “didático” dessas práticas antigas e contemporâneas, sim, pois ali pertinho do meu hotel fica o Museu do Erotismo, que deve abrigar coisas do arco da velha. Saiba o distinto leitor que, ao menos em Paris, safadeza também é cultura.

Dadas as cinco horas, retirei a custo as cobertas, pulei da cama, cometi como pude as ditas abluções matinais e dirigi-me à recepção. Lá me aguardava um táxi (eu não sabia como, de metrô, chegar à Gare du Nord). Casaco de lã e capuz (macho não usa luvas, coisa de mocinha!) não me tiravam a impressão de estar num frigorífico. No termômetro, quatro graus; na minha pele de baiano, zero.

Foi quando surgiram, do elevador que descia, duas “meninas”. Pareciam ter terminado o expediente no hotel e, àquela hora morta, missão cumprida, encerravam o turno. Eram negras, bonitas, chamativas – e em trajes que, a meu juízo, mostravam mais do que o frio recomendava.

Confesso que tive pena daquelas “crianças”, tão expostas, em tempo de pegar um resfriado. Bem

verdade, não sei se germes entram por aquelas partes exuberantes à mostra. Mas o que entendo eu de assuntos tão profundos? – me perguntava, enquanto meus olhos curiosos não perguntavam nada. Mas minha cota de surpresas naquela madrugada parisiense não estava coberta.

À porta do táxi, ainda eu pálido de espanto, passa outra dessas meninas desagasalhadas (Pigalle, madrugada velha, parece um estranho parque infantil, se é que vocês me entendem). Era tão bonita e econômica de roupas quanto suas supostas colegas do elevador. E me mandou um beijo, vejam só que gentil.

Não foi com a mão, conforme pensaria a casta leitora, mas com os lábios, num biquinho muito gracioso, seguido de um discreto piscar de olho que, para gente maldosa e sem poesia, prometia mundos e fundos.

Interpretei essa pantomima infantil, de tanta pureza e ternura, como um pedido para esquentá-la, tadinha, tão desamparada, mas meu táxi queria partir. Ainda pensei em aconselhar à pobre criança o caminho de casa, pois as doenças respiratórias abundam no inverno, mas nada disse.

Costumo ser reservado com estranhos, e meu francês não serve para aventuras de tal quilate. Mas não pense o apressado leitor que fui mal educado a ponto de desconsiderar o mimoso convite daquela mocinha francesa, ou que desonrei a tradição de hospitalidade baiana. Não senhor.

Enviei à moça um sinal de “positivo” (o polegar para cima) – de braço dado com um sorriso da mais

legítima solidariedade bueraremense a uma jovem em perigo – e entrei no táxi.

Até hoje não sei se aquela pobre criança entendeu meu gesto: eu, D. Quixote; ela, Dulcineia.

ENTRE O KAFKIANO E O ESTÚPIDO

A arte, mormente a literatura, nos invade e transforma. Já falamos de expressões citadas à mancha, por indivíduos que, talvez em maioria, jamais leram o texto de onde elas provêm.

Machado de Assis (Círculo vicioso), Bilac (Última flor do Lácio...), Vinícius (Que seja eterno enquanto dure), Noel Rosa (O x do problema), Augusto dos Anjos (A mão que afaga é a mesma que apedreja), o indefectível Luís Guimarães (Depois de um longo e tenebroso inverno) e o pegajoso Conde de Afonso Celso (Por que me ufano do meu País).

Ultimamente, entrou em moda (na mídia, na escola, nas conversas, nas ruas e nos becos) a palavra “surreal”, mesmo para pessoas sem noção do que seja o Surrealismo, de onde vem o termo.

Trata-se de algo absurdo, bizarro, estranho, que está numa dimensão “para além do real” (as aspas são do dicionário Priberam da Língua Portuguesa). Onde está surreal, pode-se dizer, sem prejuízo, kafkiano – e agora a influência não é mais francesa, do Surrealismo,

mas alemã, da literatura do pouco lido e muito citado Franz Kafka (1883-1924).

Kafka, aliás, não era alemão, mas tcheco. E era “kafkiano”, com certeza: *O Processo* (meu primeiro contato foi com o filme, não o livro), *A Metamorfose* e *O Castelo* são provas disso. Gostei de *A Metamorfose*, adorei *O Processo* (depois que li o crítico de cinema Maurice Capovilla) e fui ao fim de *O Castelo* só por implicância.

Nessa linha de termos estrambóticos, não se pode esquecer de dantesco, adjetivo que identifica cenas de horror semelhantes àsquelas que Dante (1265-1321) descreve em *A Divina Comédia*, na parte chamada O Inferno.

Mas fiquemos com kafkiano/a e este belo exemplo contado por Álvaro Almeida, do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, em Salvador: “Na ditadura de Getúlio Vargas (1930-1945) só se podia entrar na Secretaria da Segurança apresentando a carteira de identidade”.

“O problema – esclarece Álvaro Almeida – é que só se tirava esse documento na Secretaria da Segurança, na qual não se poderia entrar, por falta da carteira de identidade”.

Veja-se que circulo vicioso mais estranho, porém comum nesses regimes políticos que agridem a civilização. Evidência de que as ditaduras, como assistimos no Brasil, de 1964 a 1985, costumam chafurdar entre o kafkiano e o meramente estúpido.

ESCRITA COM BEMÓIS E SUSTENIDOS

Por certo, alguns acham que exagero, quando falo da presença da sonoridade no texto. Não que eu tenha capacidade de produzi-la, pois não falo de mim, mas de escritas com que me tenho deparado. Se algum mérito possuo, deve ser como leitor capaz de identificar a beleza no texto alheio. Produzi-la já são outros quinhentos, conforme a velha anedota.

Os exemplos de sons que afloram das páginas estão em muitos poetas e prosadores brasileiros. Cito, por ser muito conhecido, Ascenso Ferreira e seu *Trem de Alagoas*, a primeira leitura de infância de que me recordo.

Ao descrever o velho Maria Fumaça rasgando a Zona da Mata pernambucana, o poeta produz poderosas aliteraões, fazendo o leitor “sentir” o trem em movimento, além da presença extasiada dos beiradeiros:

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,
moleques, mulatos
vêm vê-lo passar.

Em seguida, uma descrição “colorida” das frutas da terra, em nova e engenhosa aliteração do “m”, acrescida de um toque de quase ingênua sensualidade, algo esperado em Ascenso:

Mangabas maduras,
mamões amarelos,
mamões amarelos,
que amostram molengos
as mamas macias
pra a gente mamar.

Em alta velocidade (“Vou danado pra Catende,/ vou danado pra Catende...”), o trem avança para o interior e o poeta se lamenta dos deixados no litoral: “Adeus morena/do cabelo cacheado” é verso que não requer rima, pungente na sugestão de saudade e perda amorosa.

Saindo de Ascenso Ferreira, invocamos um prosador, ninguém menos do que Guimarães Rosa, que se mostra autêntico mestre dos sons, ao descrever a marcha dos bois em “O burrinho pedrês” (de *Sagarana*).

Rosa constrói um período com adjetivos relativos ao gado, texto cheio de som e ritmo, usando vocábulos de duas sílabas métricas:

galhudos, gaiolos, estrelos, espécies, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... E os toscos da testa do mocho macheado, e as rugas antigas do boi cornalão.

Observe-se o imenso cabedal de aliterações, em catorze versos pentassilábicos, se não errei a contagem. Mas o autor ainda não esgotou sua riqueza vocabular para essa impressionante descrição da boiada em movimento.

Algumas páginas à frente, voltamos a ouvir o rumor dos cascos no chão, agora marcado por mais dezesseis versos de cinco sílabas:

as ancas balançam, e as vagas de dorsos das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estratos de guampas, estrondos e baques, e o berro queixoso do gado junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos de lá do sertão...

Comentando estes trechos, Graciliano Ramos percebeu em Rosa “certa dissipação naturalista”, mas ressaltou: “Se isto é defeito, confesso que o defeito me agrada”.

Não é pouco, vindo de quem veio: alguém que, além de “inimigo dos adjetivos”, era famoso também pela exigência com os novos autores.

O PAGADOR DE MICOS

Uma espécie de enquete na tevê, quando um casal quase troca tapas (em discussão sobre quem deveria ser eliminado do BBB), me desperta para os estranhos critérios que as pessoas usam para julgar o mundo. Perguntaram ao cronista Rubem Braga se ele acreditava em disco voador: “Não”, disse prontamente o autor de *A Borboleta Amarela*. “Por que não?” – insistiu a repórter. Resposta: “Porque até hoje só vi dois”. São Tomé ao quadrado.

Conheço uma senhora que questiona as pesquisas em geral e as do Ibope em particular, dizendo que elas são “armadas”, sem exceção. E tem o que considera uma justificativa irretocável: nunca foi ouvida sobre coisa nenhuma, jamais esteve cara a cara com pesquisador de qualquer instituto.

Eu também não, mas em vez de lamentar, comemoro. Tenho verdadeira paranoia de pagar mico diante da pergunta do entrevistador. Por exemplo, responder a esta profunda indagação filosófica que a TV Globo propõe semanalmente aos brasileiros nas ruas: “Quem deve ser eliminado do BBB?”

Como diabos hei de ter resposta para isto, se nunca me foi dado assistir a um BBB que fosse? É pagar mico, sem dúvida. Certa vez, descuidado como quem procura discos voadores nos céus, topei com uma equipe de tevê. Eis que quando menos espero, uma repórter bonita, microfone em punho, anda em minha direção, com jeito de quem enxergara uma vítima, perdão, um potencial entrevistado. Mesmo com as pernas tremendo, tive tempo de me escafe-der, discretamente.

Nada contra a bonita repórter da tevê regional, mas é que temi, devido à moda em vigor, que ela me inquirisse sobre quem matou Odete Roitman, ou questão igualmente irrespondível. Se milhões de pessoas assistiram à novela (é o que dizia o Ibope!), se o País inteiro parou para descobrir quem matara dona Odete, minha ignorância do tema seria totalmente inadmissível, ofensiva à cultura nacional, talvez uma forma de esnobismo.

Nos últimos tempos (talvez pelo peso que eles a mim me causam), oferecer minha (falta de) opinião sobre determinados assuntos em evidência é quase me candidatar ao apedrejamento “cultural” ou à exibição em feira, como um ET senil. Consideram-me tão arcaico, em termos de “produtos culturais” em voga, que uma jovem alma caridosa até sugeriu que o Ibama me catalogue como bicho em extinção.

Assim, creio que fugir da repórter (minha resposta jamais seria publicada!) foi solução adequada àquele momento: não tomei o tempo dela, tampouco fiquei

constrangido por demonstrar minha mais injustificada ignorância.

Senhores pesquisadores, repórteres e assemelhados, não gastem comigo vosso precioso tempo – pois, pasmem, até hoje não sei (nem quero saber!) quem matou Odete Roitman. E pouco se me dá que alguém entre ou saia do BBB.

CONTRA O ESTUFA E OUTROS EFEITOS

Todos xingam sua terra, também vou xingar a minha, um lugar sem terremoto, sem sismos nem furacão, mas com muita patricinha, coxinha e corrupção. Se todo mundo protesta, também quero protestar, com bandeira, muita festa, muito pneu pra queimar:

Protesto contra a pobreza do falar e do escrever, protesto contra o não ler, protesto contra o viver como gado na invernada, protesto contra a cambada que se opõe ao protestar, protesto contra Galvão, aquele do “bem, amigos”, protesto contra os antigos problemas do dia-a-dia, o transporte, a moradia, o sofrer cotidiano, protesto contra o engano, contra a fraude e a trapaça;

Protesto contra a ameaça dos grandes contra os pequenos, protesto contra os venenos injetáveis e orais, os tais anabolizantes, minerais ou vegetais, protesto contra novela (não de livro, mas de tela!), protesto contra os perigos que me espreitam em cada esquina, protesto contra a menina que não quer vestir timão, protesto contra o som alto, porque prefiro o tenor,

protesto contra o gestor, daqui, dali, dacolá, protesto contra quem cala, quando devia falar;

Protesto contra quem fala, quando é pra se calar, protesto contra quem quer a volta da ditadura, protesto contra o protesto que não sabe o que procura, protesto contra o desvio, o roubo e a sinecura, protesto contra a loucura que acomete o governante, tornando este nosso Inferno bem pior do que o de Dante...

Protesto contra essa gente que de protesto não gosta, protesto contra a proposta de se fazer referendo (essas coisas do Congresso eu só acredito... vendo!), meu pensamento explícito, eu prefiro plebiscito, povo dizendo o que presta – dinheiro fácil, água fresca, pagode, cachaça e festa;

Protesto contra o tomate, que anda a subir de preço, protesto contra o resgate do que não tem meu apreço, protesto contra o “malfeito”, protesto contra o prefeito, por não se dar ao respeito com nossa população, protesto contra os serviços, saúde e educação (e estando com rima em “ão”, elevo este meu protesto contra a volta da inflação)...

Protesto contra a ausência de vergonha em tanto rosto, o que só me traz desgosto a cada nova eleição, protesto contra o som alto, com música ruim a esmo, e em dia de nuvem negra, protesto... contra mim mesmo!

(Com o fôlego se encurtando, respiro com esforço ingente, lembro do meio ambiente, e me sentindo ofegante, sofrido, abafado, quente, já querendo dizer “ufa!”, ainda mando meu protesto contra o tal de efeito estufa).

Ufa!!!

DE VINÍCIUS A VALDELICE

A questão é tão antiga quanto o poema e o canto: letra de música é poesia? Para mim, é; para os que, de fato, entendem do assunto, não é. Manuel Bandeira (poeta que, desencantado com este mundo vasto e real, decidiu mudar-se para a imaginária Pasárgada) tinha “Tu pisavas nos astros, distraída” como o mais belo verso da língua portuguesa. E agora?

O texto de *Chão de Estrelas*, de Orestes Barbosa, poderia ser inscrito em qualquer seleção de poesia – desde que Sílvio Caldas não fizesse a “bobagem” de lhe pôr melodia. É um poema romântico, todo versado em decassílabos, acentuação quase sempre na 3ª, 6ª e 10ª – algo parecido com um martelo agalopado.

Muitos outros autores da MPB atingem o mesmo grau de excelência de Orestes Barbosa: Noel, Tom, Vinícius, Belchior, Caetano, Antônio Maria, Gil, Paulo César Pinheiro, Dolores Duran, Cândido das Neves, Aldir Blanc, Chico Buarque – não há como esgotar a relação, pois riquíssima é a letra em nosso cancioneiro popular.

Temos da simplicidade de Caymmi (“Marina, você já é bonita com o que Deus lhe deu”) ao barroco do misterioso Otávio de Sousa (com aquele coração “pregado e crucificado sobre a rosa e a cruz do arfante peito teu”), de *Rosa* (melodia de Pixinguinha). Cada um pode fazer sua escolha, em meio a diferentes estilos e idades. Para mim, isso é poesia, pois tem o impacto estético da poesia.

Chão de Estrelas, apresentada a Sílvio Caldas em 1941, assustou o músico. Ele achou que era impossível o público aprovar versos tão sofisticados, decassilábicos, acadêmicos, poema mais pra ser lido em livro do que cantado em serenata de balcão, janela e sacada. Mas foi convencido por Orestes a musicar tais *paroles* e gravá-las.

Fê-lo com tal competência que a canção entrou na história da MPB como o “hino nacional dos seresteiros”, com mais de 40 regravações de artistas de variada estirpe, de Elizeth Cardoso a Roberto Carlos, de Nelson Gonçalves a Baden Powell, Carlos Alberto, Maurici Moura, Maysa e tantos outros.

Para abonar minha modesta opinião, lembro à gentil leitora e ao ilustre leitor que “transformar” poesia em letra de música não se constitui, propriamente dito, em novidade. Autores que, em princípio, nada pareciam ter com esse “plebeísmo” cantado por aí, tiveram seus versos musicados, às vezes até com grande aceitação: vêm-me à mente Drummond, Clarice Lispector, Florbela Espanca e o próprio Bandeira.

Em discurso na Academia de Letras de Itabuna, o escritor Ruy Póvoas declamou o poema *Retrato*, de Valdelice Soares Pinheiro. O belo texto (em redondilha menor), rico de aliterações, parece pronto para receber música, talvez à espera de Marcelo Ganem: “O canto contido/ no centro do corpo/ o pranto pasmado/ perdido de dor...”

Penso que, musicado, o escrito poético não se apequena, não deixa de ser poético. Dando aval e fé a esta tese estão poetas de diversas tendências e idades, de Vinícius de Moraes a Valdelice Pinheiro.

HUMPHREY BOGART CANASTRÃO

Mesmo alguém que tenha a experiência em cinema resumida a *Tropa de Elite 2* (que, ouvi dizer, é superior a *Tropa de Elite 1* e inferior a *Tropa de Elite 10*, que sairá em 2018), já ouviu falar em *Casablanca*. E conhece famosa frase do filme, quando Ingrid Bergman (Ilsa) vira-se para Doley Wilson (Sam) e diz: “Toque outra vez, Sam” (em língua de bárbaros, *Play it again, Sam*). Mentira pura.

A frase jamais foi pronunciada. E, para estragar de vez essa anedota, Wilson, literalmente, não poderia tocar, pois não era pianista (o som que se ouve foi posto sobre a voz, no estúdio). Mesmo assim, a fala se tornou das mais conhecidas do cinema, em todos os tempos. É, sem nunca ter sido.

Andava este cronista provinciano por Montmartre, à noite, com um grupo de turistas. Após jantar com uma senhora brasileira mais generosa do que inteligente, nos despedimos, às primeiras horas da madrugada (ela seguia para os vinhedos do Loire; eu, findos os euros, retornava ao Brasil). Hora crucial,

busquei algo inteligente em mim, não encontrei, socorreu-me uma frase de *Casablanca*.

Em macarrônico francês, que o *vin rouge* não ajudou a melhorar, lhe recitei “Nós sempre teremos Paris” (algo como *Nous aurons toujours Paris*). Com o rubor do rosto a denunciar grande contentamento, ela não poupou elogios ao meu estro romântico, certamente por desconhecer o filme.

Aquela altura, explicar seria bem mais difícil do que manter a humanitária *petite fraude*, por isso fiquei firme no meu embuste. Admito que fiz um Bogart deplorável; mas ela também não era nenhuma Ingrid Bergman.

Resta dizer que *Casablanca* é (os críticos o atestam) um filme mágico, desses que têm centenas de citações, referências e homenagens em outros filmes. Eu o vi não sei quantas vezes, e não sei quantas vezes ainda o verei.

Mistura de romantismo, heroísmo e política (mostrando Paris sob a bota destruidora dos nazistas), *Casablanca* foi feito em cima da perna, com orçamento pequeno, sendo candidato a um melodrama qualquer, dos muitos que o mundo esqueceu.

No entanto, mais de 70 anos depois, quando Humphrey Bogart diz a Ingrid Bergman “Nós sempre teremos Paris”, o espectador (pelo menos este locutor que lhes fala) chega à beira das lágrimas.

O filme de Michael Curtiz se tornou inesquecível, cultuado, modelo, com o cinismo de Rick (Bogart) encobrendo sua ideologia anti-nazista. Naquela

Casablanca sob a bota dos alemães, o Rick's Bar é o centro de tudo.

Casablanca é tudo isso, e ainda me salvou a vida naquela noite fria de 2009. Desculpe o mau jeito, Humphrey Bogart.

EXCESSO DE QUEIJOS E VINHOS

Todos conhecem a frase que o investigador de Conan Doyle repetia, dirigindo-se de forma irônica ao médico John Hamish Watson, companheiro de pensão e narrador das aventuras de Sherlock Holmes. Elementar, minha cara leitora: a frase é um embuste que o mundo assimilou, devido à pressão de várias mídias.

Tanto quanto o cachimbo de cabo curvo, a expressão “Elementar, meu caro Watson” foi criada no teatro, não no consultório ocioso do médico Conan Doyle. Há críticos a sustentar que ela foi pronunciada uma vez, em *Um Estudo em Vermelho* – o que é desmentido pela tradução brasileira, ao menos nas duas edições que conheço. Mas mitos do nível de Holmes não ficam isentos dessas atribulações.

Ao presidente Charles André Joseph Pierre-Marie De Gaulle (1890/1970) é atribuída a frase “O Brasil não é um país sério” (*Le Brésil n’est pas un pays sérieux*), saldo da bizarra guerra da lagosta. De Gaulle morreu negando o dito, e o diplomata brasileiro Carlos Alves de Souza afirma no livro *Um Embaixador em Tempos de Crise/1979* que o presidente francês nunca falou tal disparate.

A cientista política francesa Annick T. Melsan, em falta de melhor coisa a fazer, vasculhou os escaninhos da diplomacia de Paris e nada viu que confirmasse essa grosseria do velho militar. A boutade de mau gosto foi divulgada pelo correspondente Luís Edgar de Andrada, do *Jornal do Brasil*, e nunca mais nos abandonou.

O lado esquerdo do Brasil adotou o suposto pensamento do governante francês durante a ditadura militar, e a direita o ressuscitou em anos recentes. De acordo com Mme. Melsan, “isto foi importante por ajudar na crítica ao sistema”, e a expressão “poderia ser de De Gaulle ou de outro europeu qualquer, devido à visão que se tinha do Brasil, como país do carnaval e do samba”.

Então, toda essa história da frase dita/não dita há de ser analisada do ponto de vista do preconceito com que europeus enxergam o Brasil. Sem esquecer que ela mediu, durante a ditadura militar, e mede ainda em nossos dias, o grau de (in) satisfação que os brasileiros têm com nossa Pátria.

Certa vez, o presidente Chirac, tentando ser engraçado, abriu uma coletiva com jornalistas brasileiros, com a frase alterada: “O Brasil é um país sério”. E é, diz La Melsan, mas “o problema é fazer os brasileiros acreditarem nisso”.

De De Gaulle, prefiro outra tirada, que mostra senso de humor, o que não deixa de ser surpreendente num general, em qualquer latitude: “Como se pode governar um país que tem 246 espécies de queijo?”

Ele se esqueceu de outra “dificuldade”: as centenas de tipos de vinho.

EU TAMBÉM NÃO SEI QUEM SOU

Ao cantar sua aldeia, é possível atingir-se o universo. E eternizar-se. Tostói criou este conceito, muitas vezes repetido, algumas para disfarçar plágio, outras para reverenciar o autor de *Guerra e Paz*. Chico Buarque tangenciou a universalidade (atingindo o homem, em qualquer latitude) com a peça teatral (e canção) *Roda Viva*: “Tem dias que a gente se sente/como quem partiu ou morreu”.

Quase quatro séculos mais velho do que Chico, Shakespeare já se debruçara sobre o mesmo tema. E criou uma expressão que, por si só, o eternizaria (não fosse toda sua monumental obra): “Ser ou não ser”. A dúvida levantada pelo bardo atinge todas as pessoas do mundo, em algum momento.

Shakespeare colocou a dicotomia do ser e do não ser como eterna indagação da espécie humana, quase uma condenação: ser ou não ser é, no teatro, vingar-se ou não vingar-se, matar ou não matar. Na vasta plateia que é o mundo, para sair dessa prisão da dúvida, precisamos nos conhecer,

saber o que queremos, prever as consequências de nossas atitudes.

Ser parece inquestionável. Nós somos. Mas o que e quem somos é a incógnita, algo a provocar discussões de filósofos e teólogos, com explicações conflitantes. Essa grave fragilidade humana, que nos corrói e nos faz espremer entre o ser e o não ser, encontra exemplos também em outras literaturas.

Conta o filólogo carioca Sérgio Pachá, funcionário da Academia Brasileira de Letras, que o poeta Antero de Quental, já noite velha, foi à casa de um amigo, com quem, certamente, pretendia dividir o sofrimento metafísico de que estava possuído.

Ao bater à porta, ouviu esta indagação, muito apropriada ao caso:

– “Quem é?”

O poeta, do fundo da mais profunda angústia de que se achava prisioneiro, retrucou:

– “E eu lá sei quem sou?!”

Florbela Espanca, meio século depois, no soneto *Minha Culpa*, levanta a mesma eterna humana inquietação:

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem quem sou?
Um fogo-fátuo, uma miragem...
Sou um reflexo... um canto de paisagem
Ou apenas cenário! Um vaivém...

Outro poeta português, José Régio, em “resposta” a Florbela Espanca, dá sinais de que folheou o Livro dos Católicos. No último terceto de Biografia, ele confessa:

“Sei que sou a paródia de mim mesmo
Sei tudo... E para quê? Por que sabê-lo?
Viver é entrar no rol dos que não o sabem”.

Procuramos o saber como forma de libertação, como saída para a dúvida, mas será que o conhecer nos liberta dessas amarras existenciais? Parece que não. Está no *Eclesiastes* (de onde Hemingway tirou o título de famoso livro – *O Sol Também se Levanta*): “Quem cresce em saber, cresce em dor”.

Resta ainda dizer que a resposta ao ser ou não ser está mais para condenação de que devemos fugir, do que para a salvação que tanto buscamos. “Quem cresce em saber...”

PENA MOLHADA EM VENENO

Alguém se lembra de Gregório de Matos, o Boca do Inferno? Espécie de pai dos satíricos brasileiros, ele deixou marcas, apesar de viver pouco: nascido em 1636 (Salvador), morreu em 1695 (no Recife), com menos de 60 anos. Também advogado, o Boca é tido como o maior poeta barroco do Brasil, e o mais importante satírico da língua portuguesa, nos tempos coloniais.

Uma curiosidade é que Gregório de Matos, mesmo nascendo em terra baiana, não era, tecnicamente, brasileiro – pois o Brasil só se tornaria independente em 1822 (186 anos depois do nascimento do poeta). Ele não tinha, portanto, nacionalidade brasileira, mas luso-brasileira, de acordo com as leis vigentes.

Pena molhada em veneno, Gregório de Matos foi severo crítico dos costumes na cidade do Salvador, e fez da Igreja Católica seu principal alvo (do que se disse, no fim da vida, arrependido). Um exemplo do primeiro caso é este epigrama:

Que falta nesta cidade? – Verdade
 Que mais por sua desonra? – Honra
 Falta mais que se lhe ponha – Vergonha.
 O demo a viver se exponha,
 Por mais que a fama a exalta,
 Numa cidade, onde falta
 Verdade, Honra e Vergonha.

Ao olharmos os dirigentes públicos que nos cercam, temos a impressão – por grande número deles – que pouco ou nada mudou nesse meio, desde o século XVII do Boca de Brasa. Verdade, Honra e Vergonha são artigos que, se faltavam naquela época, não tiveram seus estoques repostos até agora, quatro séculos depois.

Outra tirada do mestre, com que muito me diverti, nos velhos tempos de escola, bate vigorosamente na religião:

A nossa Sé da Bahia,
 com ser um mapa de festas,
 é um presepe de bestas,
 se não for estrebaria.

O Boca teve muitos “herdeiros” na Bahia, um deles em Ilhéus, Alberto Hoisel. Sempre atento a seu ambiente, Alberto foi, pelo menos uma vez, a própria “inspiração” de quadrinhas venenosas. O satírico perdeu uma questão no fórum de Ilhéus, passando de vítima a réu, sendo condenado a pagar custas processuais e honorários advocatícios. Irritado, respondeu ao sistema com duas quadrinhas. A primeira, contra famoso advogado, negro (que perdera a causa por decurso de prazo), é raivosa e racista a mais não poder:

Proclama a fauna em coreto
Sem discrepância de um zurro:
"É inteiramente preto
E completamente burro!..."

Com a segunda, ele atinge diretamente o Judiciário:

A Justiça, em seus julgados,
Anda sempre em dois sentidos:
Ora de olhos vendados,
Ora de olhos vendidos...

Tandick Rezende, advogado (depois juiz), professor de língua portuguesa, latinista, foi vítima da verve de Alberto Hoisel, seu amigo de bar. Quando Tandick sofreu um acidente e quase morre, ao voltar à ativa foi saudado pelo satírico, com a sugestão de que nem "os quintos" aceitaram o acidentado:

Depois de bater em vão
Às portas do Pai Eterno,
Satanás disse-lhe: "Não!
Você me estraga o Inferno!..."

Cometi um livro sobre o poeta ilheense (*Solo de Trombone: ditos & feitos de Alberto Hoisel* – Editus/Uesc, 2001) que, perdoem a imodéstia, não foi de todo condenado pelo público e a crítica. O livro não contém o epigrama sobre o professor negro (que me foi passado pelo advogado Tom Lavigne). É publicado agora, ao que me consta, pela primeira vez.

PARA ESCREVER, USE AS ORELHAS

Na escola do professor Chalub, em Itabuna, quem produzisse um cacófato era levado “aos costumes”: reguada, puxão de orelha, palmatória e perdão a Deus, ajoelhado sobre caroços de milho. Era a didática do sofrimento.

Na rua, qualquer intelectual corria o risco de ser desmoralizado num piscar d’olhos: “Aquele sujeito escreveu um cacófato!”, apontava o caçador de criminosos. E o infeliz autor do delito, que Deus se apiede de sua alma, era levado ao pelourinho da desonra, publicamente execrado até o fim dos tempos.

“Ora – direis – o grande Camões também fez lá seu cacofatozinho, em Alma minha gentil que te partiste...” – e eu vos direi no entanto que Camões é Camões, ora pois (ou que ninguém é perfeito), e estamos conversados. Mas não esqueçamos que, devido a essa “maminha”, os gramáticos quase arrancam ao vate lusitano o olho bom que lhe restava.

Por muito tempo, todos nós nos mantivemos atentos ao cacófato. Veja-se, por exemplo, o América do

Rio (que tem entre seus raros torcedores regionais esse Orlando Cardoso, radialista de elevados méritos, e Geraldo Simões, político de reconhecida popularidade). O América era motivo de cuidado especial.

Mesmo em tempos de vacas robustas, o Ameriquinha (sete vezes campeão carioca – a primeira em 1913, a última em 1960, me diz o Google) não ganhava nunca (evitemos “nunca ganhava”!), apenas vencia. Se numa redação alguém se atrevesse a escrever “O América ganhou”, “O América ganha”, ou barbaridade semelhante, se arriscaria a receber um chute na parte mais carnuda do corpo.

Hoje, livre e solto, o cacófato desfila na mídia como se estivesse acima de qualquer suspeita. Redatores se acham no direito de cometê-lo e, ainda assim, se mantêm impunes, como se tivessem imunidade de dirigentes públicos.

Na ausência de quem o cace a pauladas, em feitiço de cachorro azedo, os cacófatos abundam: nas estradas, há avisos do tipo “Controlada por radar”; um jornal se permitiu escrever “azeite da marca Galo”; *A Tarde* (não digo o *A Tarde* nem no pau-de-arara!) publicou “Lavrador morre atingido por raio” – e assim vai a vida.

Em meio aos exemplos já referidos, Ricardo Ribeiro, jovem jornalista de texto irretocável, me mostra a pérola publicada por um grande jornal de Salvador: “Filme com temática gay é censurado em projeto”.

Faça-se com tal frase o teste da leitura em voz alta. Quem não perceber a bobagem aí implícita, independentemente de ter êxito em outra profissão, não se mostrará habilitado como redator.

Mas, se acaso houvesse um concurso de cacofonia, o meu voto seria de uma empresa na Amélia Amado, em Itabuna. Ali se anunciava, numa lista de equipamentos agrícolas, em letras sanguíneas e garrafais, à venda em suaves prestações, “máquinas para descascar alho”. A empresa fechou – e eu não sofri saudades.

Todo cuidado é pouco com os verbos lascar, amassar, mascar, checar, tocar, erradicar, sapecar, especificar, retificar, machucar e semelhantes. A exemplo de “descascar”, eles não devem frequentar a mesma panela onde esteja o substantivo “alho”.

Se o som é uma das qualidades do estilo, eu me animo a dizer, sem preocupação de ser mal interpretado, que escrevemos, também, com os ouvidos.

UMA ARANHA METIDA A BESTA

Certa vez, cometi uma resenha de interessante livro de poemas, *Tear de Aracnídeos*, do professor Jorge de Souza Araujo. Destaquei que o autor me surpreendeu com sua densa erudição a respeito desses artrópodes, classificando-os, definindo-os, apontando-os como anteriores ao homem e mapeando-os por lugares nunca dantes imaginados.

Lembro desse episódio, antigo de alguns anos, ao me deparar com texto que fala da presença do mito greco-latino em nossa linguagem do dia a dia – e entre os verbetes encontro isto mesmo que a gentil leitora imaginou: aracnídeo – a aranha e a teia que lhe desgraçou a vida, bem ao jeito da tragédia grega.

A primeira aranha do mundo era uma mocinha chamada Aracne, não garanto que formosa, mas prendada, sem dúvida, pois se notabilizara pela qualidade dos tecidos que fazia. Um tanto metidinha, ela se gabou de que tecia melhor do que Atena, deusa da guerra, da sabedoria e dos ofícios. Foi a conta. A deusa se irritou, por ser comparada a

uma mortal – e intimidou Aracne a um concurso de tecelagem.

A juventude é cheia de coragem. Aracne não entendeu o espírito da coisa, venceu a deusa, mostrando que era melhor tecelã, e, de quebra, produziu uma obra que zombava dos deuses, mostrando-os em situações pouco edificantes. Pior é que fez um trabalho “tecnicamente” impecável, tecendo como uma verdadeira campeã. Vencida em seu próprio campo, Atena ficou tiririca – e decidiu se vingar da mocinha audaciosa.

Relembremos, entre parênteses, que os deuses mitológicos, ao contrário do deus único dos cristãos (que está acima de tudo e de todos), portavam as fraquezas comuns aos humanos: não lhes faltavam os sentimentos de vingança, inveja, vaidade, soberba – enfim, eram íntimos dos sete pecados capitais.

A grega Atena é de pedigree nobilíssimo, se posso dizer isto sem ofendê-la. Conhecida na mitologia latina por Minerva, é filha de Júpiter (Zeus, entre os gregos), espécie de rei dos deuses. O nome de Zeus está associado com o céu e o trovão (entidade próxima ao Xangô do candomblé, segundo Verger, que vocês conhecem). Tem mais.

A mãe de Atena/Minerva é Hera/Juno, rainha dos deuses, deusa das mulheres e do casamento, esposa de Zeus/Júpiter, uma mulher muito irritada com o marido, que é dado a pular a cerca. Já se vê que boa origem não falta à deusa Atena.

Ah, sim: para se vingar da desfeita de Aracne, Atena misturou grande dose de maldade com uma pitada

de ironia: transformou a mocinha impertinente em aranha e a condenou a tecer até o fim dos tempos.

Portanto, gentil leitora, quando se deparar com uma aranha, caso consiga dominar os nervos, trate-a como um ser descendente de nobres antigos – e que merece mais do que uma cruel chinelada. Trata-se de uma infelicitada artesã a quem não faltou talento, formosura e coragem – é o que afirma Ferdie Addis, em *A Caixa de Pandora* (Casa da Palavra/2012).

SE FICOU VELHO, DEIXOU DE SER NOVO

A gramática formal condena os neologismos. A Estilística tem os neologismos na lista dos “defeitos” do bom jeito de escrever e falar. No entanto, eles resistem, se sobrepõem à oposição, adentram o vocabulário, consagram-se, vão em frente – passam de novidades (*neo* = novo) a formas consagradas.

Meu professor de redação puxaria as orelhas de quem escrevesse homenagear (isto em tempos imemoriais!). Hoje, escreve-se (e se diz) homenagear e ninguém vira Van Gogh por causa disso (até porque, em nossos dias, as orelhas postas em perigo são as do mestre, não as do aluno). Prestar homenagem era a forma “certa”. Já o uso do verbo aniversariar constituía crime inafiançável.

Mas, convenhamos, dizer (a exemplo de Machado de Assis) “Ele faz anos” soa meio estranho à língua “brasileira” atual. Chico Buarque já em 1966 aderiu a este neologismo (“Todo mundo homenageia/Januária na janela...”), mas poetas têm direito à dita licença poética. Mais estranho ainda ficaria se ele seguisse a

norma clássica (“Todo mundo presta homenagem.../a Januária na janela...”).

Rui Barbosa deu o caminho: na Réplica ao professor Carneiro Ribeiro, esclareceu ser contra o neologismo “desnecessário”. Nos outros casos, confessou o mestre, “não vacilo até em lhe assumir a iniciativa”. Acho que é isto que eu queria dizer: a linguagem, além de suas próprias regras, há de também submeter-se às regras do bom senso.

O mal (ou o bem?) do neologismo é que ele envelhece. E se envelhece é porque foi aceito na língua. Como diria o Conselheiro Acácio, o que fica velho deixa de ser novo. Quando, há poucos anos, alguém emitiu a palavra “aidético” criou alguma comoção. Passou-se o tempo, o termo incorporou-se ao Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), já ninguém o estranha.

“Espiritismo” (categoria criada pelo francês Allan Kardec) foi neologismo combatido pela língua formal... no século XIX. Há termos que, ao contrário, aparecem e desaparecem, não “pegam”, talvez por nada acrescentarem à comunicação. No fundo, os falantes sabem, ainda que de maneira empírica, quando novos valores linguísticos devem ser aceitos ou descartados.

Eu, parece, fiquei marcado pelos bancos escolares. Não me aventuro com palavras novas, e de algumas delas tenho verdadeira ojeriza. Até hoje, se escrevo “homenagear”, sinto-me arderem as orelhas. Isto faz minha linguagem ser, a depender do avaliador, clássica ou embolorada – mas nunca “modernosa”.

RELER O PRÓPRIO TEXTO É SOFRER DE NOVO

Eça de Queirós foi grande reescrevedor: transformou o conto *Civilização* no romance *A Cidade e as Serras*, pelo qual tenho grande predileção. Jorge Luís Borges era tido como “reescrevedor obsessivo”, enquanto o amazonense Milton Hatoum (Manaus/1952) revisou seu último livro, *O Lugar Mais Sombrio*, durante vários anos (creio que ainda não foi publicado).

Hélio Pólvora reescreveu os contos do clássico *Os Galos da Aurora* e, em outro momento, elevou Surdo, personagem de conto, ao centro do romance *Inúteis Luas Obscenas*. Há de se citar, também nesse grupo, Cyro de Mattos, que não reescreve muito, mas remodelou *Berro de Fogo e Outras Histórias*, quase vinte anos depois. Parodiam Bilac: querem que o texto saia da oficina sem um defeito, sequer.

O texto prazeroso para o autor tem grande probabilidade de ser prazeroso também para o leitor. Na via contrária, se o autor tiver dúvidas sobre se o que escreve é capaz de lhe tocar, emocionar, dar prazer intenso (e isto pode vir em forma de risos ou

de lágrimas), certamente essa fragilidade chegará à outra ponta e contaminará esse ser em extinção chamado leitor.

A palavra grafada permanece – e talvez esta seja a maior condenação a que se expõem os que de alguma forma enfrentam a tarefa de escrever. Seja romance, conto, crônica, e-mail, bilhete ou notícia de jornal, o que mais nos deve inquietar não é a página em branco, mas a página escrita.

“Eu sou meu primeiro leitor” – diz o escritor Marcos Santarrita. O autor de *A Solidão do Cavaleiro no Horizonte* afirma que quem escreve não deve ler a si mesmo mais tarde, pois a leitura não teria surpresas. É aquilo que Herbert Read (citado por Marcos) explica como a capacidade de despertar na mente do leitor, a cada página, a pergunta: “O que vem agora?”

E esta dúvida motivadora da leitura não a tem o autor do texto, a não ser no momento da criação. Quem relê o próprio escrito (seja lá que gênero de escrita for), geralmente o faz de esferográfica em punho, na tentativa da reescrita, na busca de melhor forma.

Os grandes “reescrevedores” parecem condenados a sempre encontrar defeitos naquilo que produziram. Pensando bem, melhor é adotar o conselho do romancista de Itajuípe: após a publicação, esquecer – para não sofrer de novo.

MEUS RESPEITOS AO ADJETIVO AGONIZANTE

Convém não confundir texto econômico com texto pobre. O econômico é rico sem ser perdulário, tem tudo de que carece, nada lhe sobra ou falta; o pobre deixa à vista carências básicas, até de ortografia. Mesmo com risco de vida, digo que a internet é o túmulo da linguagem. Esta, cada vez mais descuidada, maltratada e “econômica”, vê transformados “que” em “q”, “também” em “tb”, “você” em “vc”, e por aí segue a carruagem.

Declarou-se no Brasil uma guerra injusta e pertinaz contra o adjetivo (sei: muitos dirão que as guerras são assim mesmo e que o espaço da justiça não é a gramática, mas o tribunal): uns execram o adjetivo, sem qualquer vezo de compaixão, reduzindo a zero sua presença no texto; outros o aspergem na página, atrelando-o a substantivos suspeitos. Ambas as atitudes o destroem, sem encontrar-lhe o meio termo, que é o uso necessário e comedido.

Graciliano Ramos, candidato a ser o mais “descarnado” dos escritores brasileiros, pasmem os matadores

de adjetivos, usava esse penduricalho em lugar certo e momento aprazado. “Na planície avermelhada os jazeiros alargavam duas manchas verdes”, diz ele, abrindo magistralmente *Vidas Secas*, obra-prima da literatura brasileira. Na mesma frase, dois adjetivos precisos e certos.

“Acabou-se o nosso carnaval” – o verso de Vinícius, numa canção com Carlos Lyra, serve como ícone do fim da alegria na construção do texto, o enterro do metafórico, o império do estereótipo da cultura pequeno-burguesa apressada e “pragmática”. Quase não mais se escreve com purpurina, lantejoulas, serpentinas, confetes, paetês, sangue, coração e alma.

Ensinam os mestres da estilística esquecida que “escrever bem” inclui preocupações que ultrapassam o saber primário da gramática: pensar em ritmo, cor, sonoridade, criatividade, não temer a palavra desusada, correr do pedantismo e do lugar-comum. É a eterna busca por *Le mot juste*.

A palavra certa, justa, aquela que não apenas define o pensamento como o emoldura, há de ser procurada, e essa busca às vezes é penosa. A tarefa de escrever, para quem o faz com responsabilidade, é estafante. O texto é areia movediça, terreno cheio de armadilhas, há o autor de locomover-se com cuidado, marinheiro conduzindo o barco em noite de temporal.

Mas é trabalho compensador. Suponho que o prazer, mais do que a obrigação de escrever, seja o dínamo

do profissional dessa atividade. Penso que todo trabalhador da escrita, se perde esse gozo, terá perdido a motivação para construir frases.

“Eu me interesso pela linguagem, porque ela me fere e me seduz”, afirma Roland Barthes (*O Prazer do Texto*). Acho que é isto que eu queria dizer.

É A LÓGICA PORTUGUESA, COM CERTEZA

Em *A Nuvem* (Geração Editorial/2009), Sebastião Nery conta que, num vilarejo, perto de Trás-os-Montes, perguntou numa quitanda se aquela era a última vila antes da Espanha. Resposta: “Depende. Se o senhor vai daqui pra lá, é a última; mas se vem de lá para cá, é a primeira”. Os portugueses são donos de impressionante lógica.

Eu mesmo me creio mais cartesiano do que desejaria, o que não é escolha, mas herança genética. Ou maldita. Tendo a ver o mundo de forma dicotômica: preto-branco, alto-baixo, positivo-negativo, bom-ruim, esquerda-direita. Os cartesianos têm um quê de esquizofrenia, pois vivem num mundo lógico que não existe.

Gostemos disso ou não, nosso habitat é cheio de nuances: entre o preto e o branco há quase um caleidoscópio, um festival de pigmentos. E é tênue a distância que separa o bem e o mal, ninguém é inteiramente bom ou ruim. Se duvida, pergunte a Freud, o explicador oficial da esfacelada alma humana.

Ouvi dizer, e acreditei, que os franceses são cartesianos, lógicos. Não por acaso René Descartes – na forma latina, Renatus Cartesius – é de lá. Mas a linguagem mostra que os portugueses parecem mais “franceses” do que os próprios.

Vejamos algumas situações (além da citada) que mostram o lado lógico dos lusitanos: o brasileiro pergunta se o português sabe as horas. Resposta: “Sei”; a moça brasileira avisa à senhora lusa, ao volante, que a porta do carro está aberta e ouve, em vez de “obrigada”, esta correção: “Ela não está aberta; está mal fechada”. Mais.

O cliente (brasileiro, claro) reclama: foi informado pelo gerente de que o restaurante não fechava aos sábados e, ao ir almoçar, deu com a cara na porta. “É verdade que não fechamos”, explicou o português. “Pois se não abrimos, como haveríamos de fechar?” Na pia do hotel, duas torneiras com a letra F, em vez das costumeiras F (fria) e Q (quente). A camareira explica ao hóspede confuso: “Uma é fria, outra é fervente”.

E esta que mais sabe a humor britânico do que a cartesianismo lusitano. Numa loja, o brasileiro, cansado de esperar o vendedor a fazer cálculos com lápis e papel, pergunta: “O senhor não tem calculadora?”

O portuga, sem levantar a vista ou interromper o trabalho: “Infelizmente, não trabalhamos com *electrónicos*, mas o senhor pode encontrar na loja aqui ao lado...”

Se o leitor ainda não esgotou a reserva de paciência, veja mais uma, a última, que parece tirada de um almanaque de piadas.

O turista vai de Lisboa a Madrid, de carro, sem saber bem o caminho, avista um camponês, e procura informar-se.

Turista: “Amigo, esta estrada vai para Madrid?”

Camponês: “Ao que me consta, não. Mas se for vai nos fazer muita falta”.

JERERÊ, SARARÁ, CURURU

Dizer que Querelas do Brasil, de Aldir Blanc, é trocadilho com Aquarela do Brasil, de Ari Barroso, é verdade, mas me parece pouco. É letra “grande” demais para ser analisada em texto de amenidades: leva jeito para tema de ensaio, tese de mestrado, essas responsabilidades do mais alto teor.

Querela, segundo os dicionários, tem significado principal de discussão, debate, contestação; em lugar da aquarela, a querela não é exaltação, é desconstrução do modelo ufanista, louvação de outros valores, para mim sendo o maior deles a língua brasileira inculta e bela.

Percebe-se que Aldir mergulha fundo na brasilidade, abusa de sons, ressuscita palavras, colhe outras em matrizes índias e negras:

Jererê, sarará, cururu, olerê,
blablablá, bafafá, sururu, olará.

É notável a “louvação” que o poeta faz de grandes nomes das artes brasileiras, muitas vezes fundindo palavras. Lá estão “sertões, Guimarães” (lembança

de Guimarães Rosa e seu ambiente romanesco), “Candrades” (sobre os Andrade: Drummond, Mário de Oswald), “Marionaíma” (fusão de Mário de Andrade e *Macunaíma*, seu trabalho mais conhecido), “Bachianas” (referência direta às Bachianas Brasileiras de Villa-Lobos), “Tinhorão” (homenagem ao crítico musical José Ramos Tinhorão).

Porém, o mais louvado de todos é um certo Tom Jobim, com acréscimos que sugerem grandeza: “Jobim-açu” (açu é “grande”, em tupi), “Jobim akarore” (akarores são índios gigantes) e “Ujobim” (alguma coisa como Jobim pai). É o Brasil que o Brazil não conhece, de que fala o refrão.

É curiosa a oposição Brasil/Brazil (com grafia e pronúncia distintas), como a confrontar “brasis” diversos:

O Brazil não conhece o Brasil,
o Brasil nunca foi ao Brazil.

Esta dicotomia vai confluir para uma espécie de sub-refrão em que desaparece o Brazil, e o Brasil ressurge a pedir socorro... ao Brasil. O autor parece querer dizer que as soluções dependem de nós mesmos.

Deixem-me dizer: a “erudição” mostrada neste texto foi apreendida de um estudo publicado por Jusara DalleLucca, que explica o significado dos estranhos termos empregados por Aldir Blanc. Sem dúvida, outra forte mensagem política, de 1979, do autor de *O Bêbado e o Equilibrista* (1978).

DESUNIDOS PELA LÍNGUA

Que brasileiros e lusitanos estão unidos por uma cadeia linguística não é verdade – e se seu professor afirmar isto, é bom que você lhe peça mais explicações. Assim, a repetida frase de Bernard Shaw (“Inglaterra e Estados Unidos são dois países separados pela mesma língua”) talvez seja bem adequada ao nosso caso. E nem é necessário ir a Lisboa para identificar diferenças do modo de falar desses dois povos.

Tudo está muito bem organizado no *Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro*, do filólogo Mauro Villar (Editora Guanabara/1989). Nele bebo algumas curiosidades, junto a outras colhidas em artigo de Ruy Castro, para abonar minha tese. Com palavras parecidas, mas muitas vezes de sentidos distantes, a comunicação entre esses povos lembra Babel, aquela.

Aqui, se morre afogado; em Portugal, morre-se ao tomar banho (banheiro para os lusos é salva-vidas, ou guarda-vidas, enquanto o nosso banheiro é quarto de banhos). Quem quiser comprar o jornal, procure um ardina, não um jornaleiro, pois este é um indivíduo

que trabalha por dia, faz jornada. Em tempo: ardina também significa cachaça!

Entender as notícias do jornal é outro exercício árduo para os brasileiros. Elas vêm da Gronelândia, Moscovo, Amesterdão ou Bona (Groenlândia, Moscou, Amsterdam ou Bonn). Você pode se deparar com manchetes do tipo “Atentado bombista no Harlemono” (soltaram uma bomba no Harlem) ou “Sarilho de liceus na Cantabrigia” (houve uma revolta estudantil em Cambridge). E para ver futebol na tevê portuguesa é bom munir-se de um “tradutor”!

Em terras d’além mar, estranha é a linguagem do famoso esporte bretão: bola é esférico, gramado chama-se relvado, árbitro não usa apito, mas assobio. Os jogadores não jogam de chuteiras, e sim de botas, e não vestem a camisa do time, envergam a camisola da equipa.

Por falar nisso, a do Benfica não é vermelha como parece, mas encarnada (também para os pernambucanos, sei lá o porquê, vermelho é encarnado), sendo de quinas (listrada) a camisola do Sporting.

Se o zagueiro é um pé de chumbo (perna de pau, entre nós), ainda assim não faz gol contra, comete autogolo. Contundido, diz-se que o gajo se aleijou ou (gosto muito desta) estatuou-se no relvado. O sujeito que o aleijou será irradiado (isto é, expulso) do jogo, como deve ser. Já quase se me acaba o estoque, mas guardo ainda umas poucas preciosidades.

O *Dicionário...*, de Mauro Villar, adverte: carregar a campainha não é arrancar a campainha da parede e

levá-la, mas apenas apertá-la; fechar a janela para não entrar correspondência é proteger-se contra vento encanado (não contra o carteiro); curar uma carraspana é livrar-se da gripe, não de uma ressaca, e urinol não é penico, mas mictório público – penico é vaso de noite. Tem mais.

Moça é rapariga, menino (mesmo ainda usando fraldas) é rapaz, e as crianças em geral são os miúdos (miúdos de galinha são as miudezas, pois os miúdos dela são os pintinhos)... Os miúdos chupam rebuçados em vez de balas, e gelados de palito, não picolés. Esses miúdos (que usam chupa-chupas em lugar de pirulitos) têm o estranho costume de brincar de coito (no Brasil, brinca-se de esconder). Ora, pois.

FLOR, POEMA, SONHO E PROMESSA

“Os homens preferem as loiras”, é título de filme de Howard Hawks, lá nos anos cinquenta, com as incendiárias Marilyn Monroe e Jane Russell. Dizem os estudiosos de temas difusos, de braço dado com especialistas em cultura inútil, que tal “preferência” é mero fenômeno de mercado, lei da oferta e procura.

Explicando: como as loiras são apenas 2% das mulheres do mundo, elas ficaram “valorizadas” – e ainda contam com a inesperada ajuda das morenas: o número destas que se enlourecem é muito superior ao das loiras que escurecem os cabelos.

Há um só jeito infalível de autenticar uma loura (lembra-se o maldoso leitor?), mas disso não tratamos, pois este texto é, por assim dizer, mais familiar do que pensão do interior.

De volta ao tema, imagino que o brasileiro prefira as morenas, ao menos a julgar pela MPB, que reflete bem nosso jeito de ser. Vejamos:

Temos a morena boca de ouro (de Ary Barroso), a morena “desse amigo meu” (Luiz Ayraão) e o apelo de

Alceu Valença: “Morena tropicana eu quero teu sabor” (e quem não quer!).

Paulinho da Viola fala de uma morena faceira (que) mexeu as cadeiras (e) “foi um desacato”, Tom Jobim diz que “a morena vai sambar, seu corpo todo balançar...”, o ilheense Oswaldo Fahel canta a morena bela do Rio Vermelho, Caymmi fala de uma Rosa, morena, “com andar de moça prosa”, Ary encontrou a morena “mais frajola da Bahia” – e Jota Sandoval apela: “Ai, morena, deixa eu gostar de você!...” Falta Noel Rosa, mas, antes, abramos espaço para as louras, que elas merecem.

Para Hervê Cordovil (na voz do ótimo Dick Farnley), uma loura não é pouca coisa: é frasco de perfume, aroma de flor, espuma fervilhante de champanhe, sonho e poema. Braguinha, animando a festa: “Lourinha, lourinha/ dos olhos claros de cristal/ desta vez em vez da moreninha/ serás a rainha do meu carnaval”.

Noel, morenófilo de respeito, fez *Morena sereia* (que se senta na areia e “deixa a praia cheia”) e, na roda de samba, rogou ao sol que não saísse, “pois as morenas vão logo embora”. Noutro momento, botou loura e morena na balança: “Esta morena/ cheia de beleza e graça/ é o símbolo da raça/ cor de leite com café./ E esta loura/ nunca foi nem é meu tipo/ perto dela eu me arrepio/ de tão fria que ela é”. Exagerou.

Não me omito. Mulher tem cheiro de flor e fruto maduro, sabe a espumante em taça de cristal, é mistério, poema, sonho e promessa. Até prova em contrário, documentada em

cartório, a mulher é a mais elevada criação do universo, não importa a cor da pele ou dos pelos. Mesmo assim, tem quem não goste.

COM O MAR ENTRE OS DEDOS

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
— Me ajuda a olhar!

(Eduardo Galeano, “in” *O Livro dos Abraços*, 9ª edição, pág. 13 – L & PM/2002)

Quando menino em Buerarema, eu não sabia o que era o mar. Aliás, nenhum de nós, em idade semelhante, sabia o que era o mar. Orlandino, o mais velho da turma, gabava-se de já ter visto o mar, em Ilhéus, mas a gente não acreditava – ele, segundo as “autoridades” locais, era mentiroso e fumador de maconha. Não merecia confiança, diziam.

Mas sabíamos, talvez do livro de Geografia, de Gaspar de Freitas, que o mar era feito de água – a maior parte daquelas três quartas partes de que se formava o planeta, conforme ensinava a professora

Aflaudísia. Na minha imaginação, multiplicado o Rio Macuco, obtinha-se o mar bravio, sem tirar nem pôr.

Urgente era ver o bichão bem de perto, frente a frente, meu olho no olho dele. Orlandino dissera que o mar era salgado, mas isso era mentira: pelos meus cálculos, todo o sal das vendas de Gringo e Zé Bazuka não daria para salgar o Poço da Pedra, quanto mais o marzão de Ilhéus.

Se essas filosofias já me tiravam o sono, ainda havia uma vizinha, que muito contribuiu para minhas olheiras precoces – mas o nome dela eu não digo. De um cavaleiro exige-se discrição, no mínimo.

Da existência e tamanho desmesurado do mar eu já sabia, pois o vira, meio encoberto e misterioso, lá do alto da Serra do Jequitibá. Foi onde nasceu a árvore símbolo de minha terra, que lhe dá poesia e proteção (o jequitibá primeiro morreu de velho, mas há um filho que lhe herdou a responsabilidade de guardião de Buerarema).

Fizemos muito piquenique (o pastor Freitas, purista, preferia “convescote”) ao pé da árvore generosa, depois de caminhar da cidade à serra e, por igual esforço, à tardinha retornar à casa. A serra nos oferecia uma mal definida vista de Ilhéus, com as águas de minhas especulações, quadro que Marcelo Ganem imortalizaria mais tarde na canção *Serra do Jequitibá*, espécie de hino de Buerarema.

Minha intenção nunca confessada era ser um pássaro, bater as asas lá no alto da serra, planar sobre a mata, voar, voar, voar toda a distância entre o jequitibá

e o oceano – conforme a receita de Marcelo, menestrel da minha terra.

Cheguei, em sonho desvairado de menino, a pensar que, por magia só cabível em mente infantil, isto poderia acontecer. Mas não precisei de mágicas para realizar esse sonho: certo dia, não sei a troco de quê (talvez devido à boa sorte, que sempre me segue), dei com os costados em Ilhéus. Feito o que, fiquei frente a frente com o mar imenso, tendo, afinal, aquele despropósito de água, sal, espuma e mistério ao alcance dos dedos.

Lembra-me, tanto tempo passado, aquele menino Diego, de Eduardo Galeano, que, trêmulo de emoção frente à grandeza do oceano, pediu ajuda para abarcar aquilo tudo com os olhos infantis.

Não digo que fiz o mesmo, porque sou um triste menino de verdade, não um inteligente ser de ficção. Apenas, emocionado, senti o mar entre os dedos, levei à boca um pouco daquela enormidade, provei-o. Era salgado o mar, e muito. O gosto era minha única interrogação, pois o existir a Serra do Jequitibá já me confirmara.

DO AUTOR

BUERAREMA FALANDO PARA O MUNDO

Letra Impressa/1999

SOLO DE TROMBONE

(Ditos & Feitos de Alberto Hoisel)

Editus/Editora da UESC/2001

LUZ SOBRE A MEMÓRIA

Agora Editoria Gráfica/2001

(Mondrongo/2014 – 2ª edição)

ESTÓRIA DE FACÃO E CHUVA

Editus/Editora da UESC/2005

(2ª edição/2013)

abcdlopes@gmail.com



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA